

-0. NOV. 1998



**VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO II — N.º 53 — 21 DE MAIO DE 1942 — PREÇO: 1 ESC.
DIPLOMATAS ESTRANGEIROS EM PORTUGAL — O
sr. Conde Baudouin de Licherfelde, ministro da Bélgica,
figura de alto relêvo na diplomacia do seu país que,
há 22 anos, desempenha o seu cargo entre nós. É pre-
sentemente o mais antigo diplomata acreditado junto
do govêrno português. (Foto Serra Ribeir).



FIGURAS DA VIDA NACIONAL

O PROF. CAEIRO DA MATA, professor ilustre e economista distinto, antigo reitor da Universidade de Lisboa e actual ministro de Portugal junto do Govêrno de Vichy. — (Caricatura de Cândido Costa Pinto)

CALÇADA DA GLÓRIA

UM ano terminou, e um novo ano se inicia na vida íngreme desta «Calçada». Ao fazermos, neste momento, o nosso exame de consciência, preguntamos a nós próprios se esta página terá sido aquilo que, na verdade, desejávamos que fosse. O ideal na existência é uma flor inverosímil. Se acaso a colhemos, logo ela se desfaz, nos nossos dedos, como a asa de ouro das borboletas. Recordemos — não hesitamos em o dizer — que o ideal que porventura sonhámos, ficou distante de nós; mas, tentando caminhar para ele — confessámo-lo também — algumas rosas, embora com espinhos, o Destino nos ofereceu. Esta «Calçada» tornou-se para muitos um ponto de passagem quase obrigatório. Conquistou «hábitus». Muitas pessoas principiaram a encontrar-se aqui, tão literariamente como na rua do Ouro ou no Chiado. Aqui se têm dado alguns «rendez-vous» mundanos. E certos homens ilustres, mesmo, tomaram a resolução de enveredar por esta calçada — para chegar mais depressa à Academia... Modestos por natureza, simples por convicção, registamos, entretanto, que os nossos propósitos não falaram inteiramente, sob o peso das nossas próprias responsabilidades. Em grande parte o devemos ao êxito popular que, desde o seu primeiro número, esta revista conquistou. Um novo ano vai iniciar-se. Com o mesmo programa, a mesma pena e o mesmo lápis, continuaremos a caminhar, confiadamente, de olhos nas estrélas, à semelhança dos peregrinos que, em plena Idade-Média, demandavam Jerusalém. E, que, findo este ano que agora se inicia, possamos escrever, mais uma vez, como o velho filósofo no umbral da sua porta:

— Um ano a mais vivemos para a Eternidade!

Esta página, não obstante ter apenas um ano de existência, podia já escrever as suas memórias. Do seu «block-notes» recortámos hoje, ao acaso, algumas folhas, imagens, mais ou menos coloridas, da volumosa História que se há-de fazer um dia...

Um distinto jornalista Cruz Cerqueira, a quem atribuímos (aliás em nome da verdade) uma boutade de incontestável espírito, insurgiu-se vivamente contra aquilo que ele reputava «um falso testemunho». Foi o primeiro movimento insurreccional contra esta página, movimento que terminou com um armistício. *Tout est mal qui finit bien!*

OUTRO caso sangrento desta página verificou-se com Fernando Tavares de Carvalho. Notário em Lisboa, atribuímos-lhe (aliás em nome do Boletim Oficial do Ministério da Justiça) uns elevados honorários mensais no exercício do seu cargo. Fernando Tavares de Carvalho ripostou corajosa-

PINTAS TU, ESCREVO EU ...



De oito em oito dias — geralmente às terças-feiras — esta cena se renova, êste diálogo se repete entre os dois colaboradores desta página:

- Quem vamos «fazer» para a semana?
- Não sei. Diga lá você...
- Homem! O melhor era você dizer...
- Para lhe dizer com franqueza...

Na verdade, há por aí tanto homem célebre que as nossas hesitações justificam-se. Mas temos infalivelmente de decidir-nos. Há problemas que se resolvem adiando a sua solução. Não é este o caso. Todas as semanas um «galo de Apolo», com as suas penas de ouro e a sua crista flamejante, terá inevitavelmente de fazer, com mais ou menos sabor, a nossa canja literária. De repente, um de nós dois — às vezes um terceiro — lembra um nome:

- Fulano...
- Levanta-se uma dúvida:
- Esse não.
- Então Cícrono...
- Outra dúvida:
- Oh! diabo!
- E se fosse...
- Esse era bom: o pior é...

Diz-se um segredo que toda a gente sabe. Por fim sempre aparece, numa vaga névoa, o desejado. Um de nós deita-se à prosa ou ao verso; o outro — atira-se-lhe à figura, vinte e quatro horas depois, melhor ou pior, o nosso «galo de Apolo» está preparado para o saboroso e público sacrifício. De quando em quando — «variatio delecta» — o galo apolíneo é substituído por uma cacarejante galinha de raça. O sacrifício é, porém, o mesmo. Publicada a página surgem os comentários, em regra divergentes.

- Tem graça! — dizem uns.
- Está um pouco forte! — dizem outros.

O visado finge geralmente que amua, mas no fundo — no fundo e no cimo — fica radiante como um rato. De resto, o caso não é para menos. Passar pela «Calçada da Glória» é passar afinal pelo Arco do Triunfo... Se depararmos, às vezes, o nosso «galo» — é para o temperarmos melhor!

mente, arrostando contra a opinião pública. A questão terminou por uma forma imprevisita: uma bela manhã Fernando, que é meu vizinho, mandava-me um bife de vitela para o almoço...

ARNALDO Ressano Garcia, o esplêndido caricaturista, foi caricaturado nesta página. Não gostou. O homem cujo lápis é uma maravilha de irreverência, franziu agressivamente o nariz. Houve um autêntico duelo: trocaram-se duas balas, isto é, duas cartas. Os contendedores reconciliaram-se num abraço, arrependendo-se de terem gasto inutilmente duas estampilhas...

CARLOS Leal, de quem demos a notícia de ter sido nomeado director do secretariado da sua própria propaganda, sentiu-se gravemente molestando. O homem de espírito que não hesita em atrair a sua seta graciosa dos próprios palcos onde representa, não admite que lhe toquem — nem com uma flor de retórica. A estas horas, fazemos-lhe justiça, deve estar arrependido da sua atitude.

ENTRE outras coisas carinhosas, não podemos esquecer algumas dezenas de cartas recebidas (muitas dos próprios visados) em que se erguem às núvens os obscuros autores desta página. Algumas dessas missivas chamam-nos tudo — de génio para cima...

TEMOS recebido alguns protestos gramaticais contra os nossos versos. Certas pessoas famintas querem os *Lusiadas* por dez tostões. Confessamos que não os podemos fazer por esse preço...

NAO falta quem nos acuse de «plagiar» anedoctas. Por mais que se revolve o cérebro não conseguimos saber o que seja «isto» de plagiar anedoctas!

NÚMEROS volumes têm sido enviados à Calçada da Glória. Procuramos elevá-los até São Pedro de Alcântara. O que não é fácil é fazê-lo a todos ao mesmo tempo. O elevador tem a sua lotação.

Para terminar, a todos os leitores agradecemos o acolhimento dispensado a esta página. Entre os leitores destacamos, se nos permitem, o director desta revista, que nos reconforta; e o seu administrador — que nos paga... E siga a dança.

Luís S'oliveira Martins

A beira do erro

Novela de Helena de Aragão

DE dia para dia, o António Pataquinho, tornara-se outro, tão diferente do que fora em solteiro que, à boca pequena, corria andar o rapaz embruxado. De ladino, folgazão e derriceiro, alma de bailaricos e enfeitador de moças, o génio volveu-se-lhe brusco e taciturno, avesso a facécias e convívios. Agora nas ordenanças de saídas para a pesca, quando as suas responsabilidades de arrais o arrancavam ao mutismo sombrio, ninguém, nem mesmo os homens da sua companhia, lhe ouviam som de voz, — salvo em ralhos e rezingas com a mulher, à porta fechada. Cá fora viam-no sempre de feição mal ensombrada, olhos descidos à terra ou perdidos nas profundezas do mar, a matutar em coisas de que ninguém dava fé nem razão, mal vovendo a salvação a quem primeiro lhe dava.

Entrara a miná-lo aquele enfado, tempo depois de casar com a Nazaré. Não que do casamento elle houvesse desengano ou menos quisesse a moça depois de a ter por sua. Não; a Nazaré não lhe dera motivo de desgosto, antes lhe mostrava sempre, sem quebra, o mesmo amor mocanqueiro, a mesma ternura, grata de se sentir amada e mimada pelo seu António. E ele também. — tóda a gente via! — guardava-lhe sem falha o mesmo afecto de raiz, bem afirmado no disvelo com que rodeava a mulher de conforto e lhe poupava cuidados e conseiras.

Vinha de longe, do tempo de cachopitos, nados e criados paredes meias, o afecto do António pela Nazaré — embora então, como prova de muito querer, os dois a miúde se socassem e por *qualquer nada* levantassem briga ou pirraça. Valha a verdade que, quasi sempre, o pómo de discórdia era o Manel Borrêlho, gaiato da mesma criação, vizinho de portas e companheiro inseparável nas suas partidas e retouçamentos pela beira do mar regougão e nas atrevidas escaladas da falésia apumada ao tópo da larga várzea.

É que, já então, a Nazaré mostrava grande estima pelo Manel, acudindo por ele quando os dois garotos, conflictuosos, se engalfinhavam em duelo de murro vivo. E aquilo irritava ao rubro o António, desatava-lhe um furor inconsciente de que o outro guardava lembrança em nódoas negras e escoriações resultantes das refregas havidas entre eles. Mas todos eram petizes e entre petizes as querelas são como fervura de água retirada do lume.

Da meninice à mocidade é curta e caminhada. E a Nazaré, de gaiata desjeitosa, pronto se fez rapariga moldada em donaire, com certo quê de feição e desenvoltura que lhe chamava à roda da rústica beleza as assiduidades dos rapazes casadoiros. Foi então, no cerco ao coração da Nazaré, o Manel Borrêlho quem mais se mostrou audacioso e disposto a vencer. Já o António Pataquinho, ou por feito ou por qualquer motivo só d'ele conhecido, se retraiu e afastou da moça, distraído-se a derriçar as outras e a multiplicar as expedições ao mar, em actividades de pesca que lhe

rendiam bons lucros para gastar e amellar.

Não fóra a Nazaré esquiava aos galanteios do Manel Borrêlho, Fascinara-a a petulância do moço pescador, soffera-lhe o ascendente de namorado feliz, volteador de corações rendidos. Picada pela vaidade de ser a preferida de quem tanto era preferido das outras, deu-lhe atenção. Namoraram-se até que elle, caído em sortes, partira para a cidade e lá, no estonteamento do meio, esquecera a conversada da aldeia.

Nos primeiros tempos daquela desilu-

preferindo as emoções aventureiras das pescas, as quietas e doces permanências junto da Nazaré, sem mesmo saber porque motivo ali se esquecia horas e horas, preso num enredo de encanto de que não dava conta.

De manso, tal como o sol, através da lente, acende fogueira em mato sequinho, assim a tímida insistência do amor incendiado no coração do moço arrais, levantou chama no peito da rapariga.

Foi, de comêço, chama brandinha, imprecisa, que tremulava em dúvida, receosa de novo desaire, mas que não tar-

ao mar de dia e de noite e de lá voltava a arrastar as rédeas pejudas de peixe luzente como prata polida.

Certa tarde em que o sol arredondava na fimbria do céu gigantesco balão de fogo e o mar, na vazante, marulhava, preguiçosos sobre a esteira da areia molhada, andava o António Pataquinho afadigado, com parte dos companheiros, a puxar a corda da réde que as boias, flutuando ao longe, indicavam vir ainda distante, sumida, com o seu tesouro, na massa das águas ondulantes. Mais além, em segunda fila indiana, o resto da companhia, puxava a outra corda da réde, repetindo sem pressa a mesma cadência de movimentos e esforço, revezando-se, tornando ao principio da corda, à medida que, um por um, os homens chegavam junto do moço que a ia ajeitando em rosca de serpente mostrousa.

De repente, junto do arrais, cortou o silêncio afanoso alegre exclamação:

— Eh! rapazes! Encosta! Encosta p'ra trás! Já se vê remoinhar o sacost!

Ferido de surpresa ao som daquela voz, o Pataquinho voltou-se, alaçou a puxadeira e, sem reserva de contentamento, abriu braços amigos. O Manel Borrêlho annunciava-se-lhe regressado, liberto da vida militar, tornado, agora para sempre, às lides do mar, às aventuras da pesca de que trazia saídas fundas.

No contentamento de reencontrar o amigo dos tempos descuidados, nem acudiu ao António Pataquinho a lembrança de que o Manel Borrêlho fóra o primeiro conversado da sua Nazaré, aquele que ela lhe preferira, a quem primeiro dera o coração.

Também à Nazaré não lembrou o seu desaire de coração quando, sem o esperar, ao empurrão gaudioso do seu António, o Manel Borrêlho lhe entrou porta dentro em rajada de alegria.

Quanto passara estava enterrado em esquecimento. E nem deixara rasto de saudade nem vinco de agravos recordados. No Manel que voltava e ali, diante dela, a saudava de braços lealmente abertos, a desempanar de suspeitas o peito franco, só viu o companheiro de infância, o gaiato levadinho do dianho com quem ela, o seu António e os demais garotos do seu tempo, tinham pintado a manta por fragueiros e escarpas. Acolheu-o como a amigo velho, sem reservas de franqueza nem ressaibos do que lá ia.

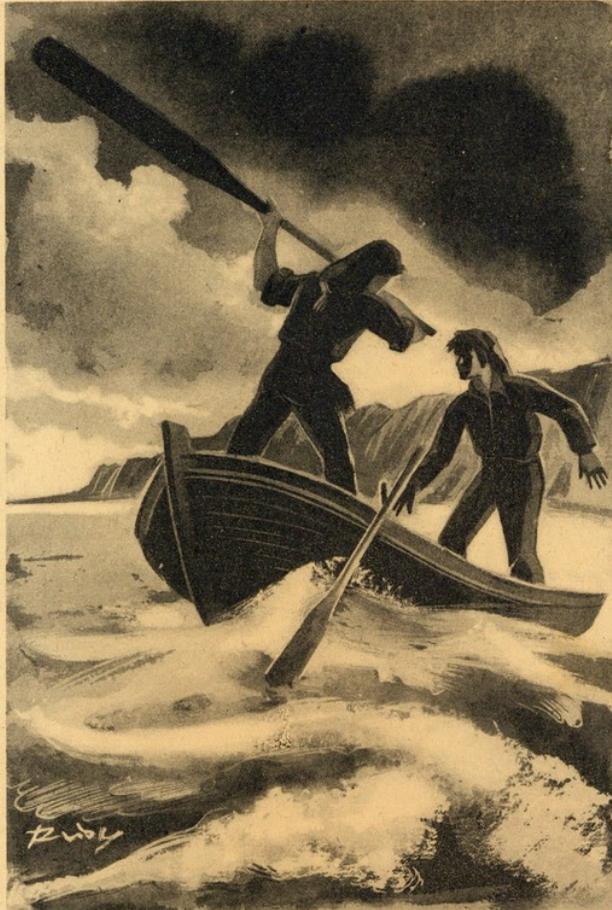
Se tudo estava morto e enterrado em esquecimento...

O Manel Borrêlho não tinha ninguém a esperá-lo. Nem pais nem irmãos nem lareira quente podia encontrar na casa onde nascera. Solidão e teias de aranha tecidas nas traves do teto, era quanto havia naquela casa, por detrás daquela porta que elle, ao cabo de tanto tempo, vinha fazer desandar nos gonzois ferrugentos.

Em contraste, ao lado, na casa do Pataquinho, o lume crepitava bem acêso, mourejava e cantava uma mulher alegre e sadia e, no berço de chitas, ao afago do sol, chalrava e traquinava uma criança. Ali a vida palpitava, a existência tinha calor, razão de ser.

E o Manel Borrêlho deu-se a abrigar o seu desconforto moral na quietura amiga daquele lar aberto à luz e ao futuro.

Todo o tempo das folgas da pesca



são, a Nazaré, doída do desamor e da ingratidão do Manel Borrêlho, choramingara pelos cantos a sua pouca sorte. Mas era nova, cachoava-lhe o sangue nas veias; e a esperança cantou mais alto no seu coração do que lá lhe chorava o desengano... E como para sarar mágoas não há melhor remédio do que o despeito, a moça deu porque chorava lágrimas mal empregadas e tornou publicamente anulada a boda que todos julgavam já certa.

Foi então que o António Pataquinho se deu menos ao mar e mais à terra,

por bem ateadada em ternura e confiança, em se altear viva e brilhante. Pouco disseram... Para se compreenderem bastou-lhe o muito que lhes diziam os olhos... E casaram.

Comparado com a grandeza da alegria que, então, encheu a vida do António Pataquinho, mesquinho era o mundo. A sua Nazaré, mimo dos seus cuidados, o filho que ela lhe dera e a sua casinha cheia de sol, eram tudo para elle, e para esse tudo que lhe tornava a existência bela e as conseiras leves, trabalhava com ardor nunca desfalecido, ia

ali o passava de conversa com o António, refastelado na soleira da porta, se o tempo ia ameno, ou junto da lazeira se o frio apertava, mas sempre a embalar ou a fazer saltar nos joelhos, com certo desastramento, o petiz rosado e loiro a quem, logo na primeira hora entrou a querer com entranhado e estranho affecto.

— O *cachopo* já tem padrinho? — indagara quando ao tomar nos braços fortes o melindroso torrãozinho de carne palpitante, sentira no peito desconhecida emoção. E como lhe fôsse dito que não, nem ainda se pensara em tal porque só pela «festa» o menino iria a baptizar, declarou, sem esperar convite, que o padrinho seria ele.

— E deixem que hei de fazer deste *migalho* um *tunantão!*...

Se, já de si, o galalhado conforto da casa do Pataquinho era atração bastante para o Borrelho, o amor ao pequenino que nos seus braços parecia medrar em saúde e os seus direitos de padrinho mais o puxaram para lá. E sem cerimónias que não entendia, nem resguardo de que não via razão, lá se amesdava todo o dia, a toda a hora que tivesse livre quer o António estivesse ou não, a entreter o *catraio* enquanto a Nazaré, lidadeira e arranjada, andava nas voltas do lar ou se sentava perto a pontear roupas.

Pouco tardou a parecer mal ao António aquela assiduidade do *Manel*. Qualquer coisa muito dolorosa lhe ferrou o coração, primeiro em sobressalto, depois em tortura contumaz, noite e dia, sem lhe abrir nesga de alívio ao pensamento suspeito, ainda que nem um olhar, nem um gesto da Nazaré ou do *Manel* lhe fundamentassem a suspeição.

A Nazaré e o Borrelho tinham gostado um do outro, tinham sido conversados... vizinhos de boda combinada... E agora, ele sempre metido lá em casa... E ela a mostrar-se alegre a seu lado... a chamá-lo se tardava... a pôr-lhe sempre nos braços o petiz... talvez para disfarçar...

E caiu no retraimento ferozmente sombrio que lhe estranhavam, possesso da incerteza crucial, do ciúme roedor que ora o impelia a baixezas de espírio ardiloso, ora lhe desatava o génio em iras embravecidas, quiescentes, injustas contra a pobre Nazaré que lhas suportava espantada e desgostosa sem lhes pressentir a causa.

— Ah! se os apanhasse!...
Aquele pensamento levantava-se-lhe tropel de guerra no coração, céu e terra, tudo à sua volta, tomava cor de sangue; branca, ante a retina desvaivada, só uma coisa via, então, adejar: a mortalha que vestiria o *Manel!*

Mas os dois acatovelavam-se... Não lhe davam prova de traição... E se não houvesse traição?... Fôsse ou não traidora, a Nazaré gostava do *Manel*... Sim... voltara a gostar dele... via-se bem!... E Ele... Ele...

— Ah!... se os apanhasse!...
— Mas só com provas!... Só com provas!...

Um dia não pôde mais. Antes morrer uma vez só do que morrer todos os dias em tamanha agonia:

— Ouve lá, ó *Manel*, preciso dizer-te duas palavras... Mas não aqui... É coisa só para nós dois... Anda daí comigo até lá abaixo...

O modo, a expressão de António Pataquinho feriram de estranheza o *Manel* Borrelho que o fixou um instante, como a descortinar-lhe nos olhos fugidios a razão do convite. Mas não se escusou. Brandamente pôs no chão o pequenino que, entre risos e balbucios, lhe corria as mãos sapadas pela aspeza da face mal escanhoada, e acedeu:

— Está bem; vamos lá...
Perto, a Nazaré deu folga à agulha e levantou a cabeça. Sentira no peito, nem sabia porquê, estranho baque de alarme. O seu António tinha um ar esquisito...

E ficou um momento a olhar os dois que, lado a lado, de vagar, seguiam ruela abaixo, direitos à praia. Depois,

num impulso irreflectido, tomou o filho ao colo... E lá foi também, a seguir-los de longe, para não ser vista.

O sol, já de todo afogado no mar, deixara no horizonte um revêrbero de brasa que, a pouco e pouco, as névens, acasteladas sobre a sepultura do astro vencido, iam apagando.

No espaço agrisalhado, pairavam saúdades imprecisas, fluidos magnetizantes de nostalgias misteriosas, descidos do silêncio do céu, subidos dos murmúrios do mar.

E o crepúsculo avançava...

* * *

— Então?!... — interrogou o *Manel* Borrelho, intrigado com o silêncio taciturno do António que desamarrava a *chata* e dispunha os remos para se fazer ao mar.

— Aqui não... Mais além... O que tenho a dizer-te só *Ele* deve ouvir... Anda daí...

E, dos refegos rochosos onde assomara com o filho apertado ao peito, a Nazaré viu-os meterem-se ao mar, dentro da pequena casca de nós que o António comandava com os remos, galgarem os socalcos inquietos das ondas que vinham espriar-se na areia e deterem-se um pouco ao largo, lá onde as águas eram lisas. E, de coração aflito a martelar-lhe pancadas bravias no peito, ficou a escutar as palavras trazidas pela aragem denunciadora...

* * *

...—?!...
— Vá de negar o que os meus olhos vêem! Eu não tenho cataratas, não sou parvo! Bem te vejo sempre agarrado às saias da Nazaré! Mas ela é minha, entendes? É minha! Ganhei-a a tróco do coração! É minha! Já me roubaste, talvez!...

Entre o céu e o mar o António quebrava, enfim, as cadelas do seu furor reprimado, do ciúme que lhe roía a vida.

E o *Manel* Borrelho, bestializado de espanto e desgosto, não lhe respondia, não negava, não atinava com palavras de defesa.

— ...já me roubaste, talvez!... — repetiu em regougos de raiva feroz. — Quem sabe se ela te quer ainda!... Se nunca deixou de te querer!... Mas é minha!

Arquejou forte, apagou-se-lhe o último lampejo de razão no cérebro dementado e, ao dobre da hora fatal ergueu o braço em fúria, descarregou do alto o remo sobre o campanheiro, a bradar ainda, de dentes cerrados:

— É minha! Só minha!...

Mas o golpe falhou. O outro, instintivamente, furtara-se-lhe. E, num ímpeto bravo, erguidos a toda a altura sobre o barco oscilante, recortando contornos trágicos no fundo cinzento-chumbo do espaço, os dois homens confundiram os corpos em luta, enroscaram-se enraivecidos e tombaram, por fim, no mar que os tragou.

Da praia elevou-se agudo grito desgarrado, só escutado pela vastidão extática... A Nazaré, desvaivada, caía de joelhos, largava na areia o filho inconsciente, erguia as mãos altas e, entre dois fios de lágrimas flotas, resava, numa agonia:

— Senhor Deus! Mãe dos aflitos! Acudi ao meu homem, que se o perco, perco a vida e a luz dos meus olhos!

As sombras lúgubres da noite vinham já perto da terra...

O mar ia e vinha, indiferente à tragédia...

* * *

Súbito um maulhar diferente do das vagas feriu o ouvido da Nazaré, arrancou-a ao fervor da prece em que, esquecida da vida, empenhara toda a esperança. Escutou, esperou, palpitante, a sentir os baques duros do coração rompendo-lhe o peito, de olhos esgazeados a

perfurarem o crepúsculo e as águas...

Entre róllos de espumas, ao empurrão duma onda, o *Manel* Borrelho dava a última braçada salvadora, saía da água, de rastos, largava na areia o corpo meio inanimado do António Pataquinho que trazia arpoado por um braço e caía ao lado, exausto, face voltada ao céu, como a mostrar-lhe um fio de sangue a escorrer-lhe da fronte.

— António! António da minha alma!

Acordida entre os dois, ajoelhada, tremente de alegria, a Nazaré soerguia o corpo do seu homem, achegava-lhe a cabeça ao peito, a transmitir-lhe calor e palpitação e, com a certeza de lhe sentir vida no corpo, lia-lhe arrependimento nos olhos descerrados, fitos nos

dela com infinita doçura:

— E a ti, a ti só que eu amo, meu António, minha vida!

Ao lado, o filhinho da Nazaré e do António, gatinhava na areia molhada, sentava-se junto da cabeça do *Manel* Borrelho e, como doce bálsamo, corria-lhe a mãozinha sapada pela fronte ferida, a limpá-la daquele fio de sangue...

* * *

Na aldeia, nunca ninguém soube do caso. O mar, quando quer, sabe guardar segredos...

E desde aquele dia, o António Pataquinho e o *Manel* Borrelho foram como dois irmãos.



O SR. JULIO CAIOLA, agente geral das Colónias, pronunciando, na Sociedade de Geografia, a sua conferência alusiva à «Semana das Colónias».



UM ASPECTO DO BAILE DE ESTUDANTES realizado na Casa do Alentejo.

Os pequenos gênios

Uma reportagem de Manuel Martinho



Uma grande bailarina. Quatro anos encantadores. Chama-se Vera Maria e é filha do professor Varela Cid.

A criança e a Primavera valem o maior poema do Mundo! No rodar incerto do destino, a criança é a nota colorida de uma paisagem de amor.

Nos olhos duma criança há a luz duma manhã de Abril. Para ela, o mundo é uma enorme festa, um braseiro de alegrias, uma apoteose de cor, cantando dos recôncavos da Terra leves prelúdios de amoroso enleio.

Mal abre os olhos, a criança ama o Sol, o esvoaçar duma borboleta, os beijos frementes dos pais, os próprios brinquedos que se esfarrapam nas mãos débeis. O seu mundo é de beleza — um mundo que não conhece entaves e foge na lonjura da imaginação. A ingenuidade doira tudo em derredor. O próprio céu, azul, rebrilhando de estrélas, é uma casa distante, perdida e imensa, onde se pode trepar por uma escada, tecida de luz. A criança ama e sonha. E só mais tarde se abre no seu cérebro uma nova clareira — e onde havia instinto

passa a existir raciocínio. A vida ganha, então, verdadeira grandeza. Ouve ao lado da dôr, o riso, da praga, a prece, do desalento, a esperança. E a epopeia surge, clamorosa, gritante, numa eterna luta — a eterna luta pelo pão de cada dia.

Já nessa altura a criança, de peito aberto à vida, vai confiada em deixar, no sarcófago da saúde, os últimos sonhos da infância...

E da meninice há apenas uma vaga lembrança — um cavalo de papelão, os palhaços, a estréla que se queria tocar...

Há crianças, porém, que logo do berço trazem grandes designios. Para essas, os brinquedos pouco valem. Predestinadas para feitos de monta, revelam logo tendências ousadas.

Mozart, o genial compositor, aos quatro anos de idade, compõe e executa ao piano, diante dum auditório extasiado, pequenos trechos, criando à sua volta quasi uma lenda sobrenatural. León Denis, num seu livro, apresenta crianças prodigiosas de seis a oito anos, que deslumbram pela vivacidade da inteligência. Uma delas discute o grego com o professor, outra dá projectos de alta engenharia, mal conhecendo o esquadro e o compasso. Napoleão, logo nos bancos da escola, notabiliza-se e, no entanto, o seu grande génio de militar ter-se-ia perdido numa impautada hierarquia, se, no círculo da Tou-

lon, reconquistando a cidade aos ingleses, a sua fama não corresse mundo, a ponto de o deixar prostrado em Santa Helena.

Goethe, afirmou que o génio é a perseverança — e a perseverança, como os japoneses dizem num provérbio, «é cair sete vezes e levantar-se oito!».

O génio é a labareda da mais alta inspiração. O autor da «Marselhesa», segundo Zweig, foi genial durante uma noite em que, febril, excitado pelos rumores duma turba se debruça sobre o papel, a compor a canção vibrante que, mais tarde, havia de ser o hino da França. Depois disso nunca mais a sua imaginação ardente voltou a ter um lampejo de génio.

Vem isto a propósito de algumas crianças a que, entre nós, podemos, afoitamente, chamar pequenos gênios. Pela sua prodigiosa vocação, é justo destacar, de entre elas, Sérgio Varela Cid, filho do talentoso professor Varela Cid. Apenas com seis anos, já deu uma audição pública, vibrantemente aplaudida por mais de quinhentas pessoas. Executa e compõe — sentado ao piano com o aprumo dum grande artista. Ele próprio acompanha sua irmã Vera Maria, uma encantadora garota de quatro anos, bailarina de primorosa escola.

Dois artistas, dois pequenos gênios. Mestre Viana da Mota, o genial artista que honra Portugal, o insigne intérprete de Beethoven, dedica, neste



José Carlos de Sequeira Costa, 12 anos, discípulo dilecto de Viana da Mota e intérprete de Beethoven, tocando junto do Mestre.



Q «viveiro musical» que o prof. dr. Gonçalves Simões fundou há dois anos.

momento, preciosos ensinamentos a um novo menino-prodígio — o seu discípulo José Carlos de Sequeira Costa. Tem dōze anos. A sua arte é já bñm notória. Vindo estudar para Lisboa, entregue aos cuidados do genial mestre, tem feito progressos tão acentuados que as exigências de Viana da Mota são bem retribuídas. O pequeno José Carlos realizou, ainda há pouco, para os seus queridos amigos de Lourenço Marques, por intermédio da E. N., um concerto que levou um dos nossos críticos a proclamar: — «Mais um grande artista há-de honrar Portugal».

A distinta professora Ilda Carneiro, tem, actualmente, nas suas classes de piano, duas alunas que são, também, duas revelações. Chamam-se elas: Maria Leonor Cabral Sacadura e Ana Maria Vieira da Cruz, respectivamente de oito e nove anos.

«Filho de peixe sabe nadar»... Pois é o caso de dois pequenos artistas — que são filhos de dois grandes artistas. O filho do exímio violinista Luís Barbosa, um petiz de 11 anos, é já um pequeno virtuose da sua arte. Um público selecto tem podido por vezes aplaudi-lo clamorosamente. Os filhos de Campos Coelho, distinto professor do Conservatório, estão também recebendo de seu pai todos aqueles ensinamentos que este grande pianista lhes pode dar.

Pequenos artistas de hoje, serão eles também grandes mestres de amanhã?

Mas além das vocações individuais entregues ao carinho quãsi filial dos

mestres, existe também — e talvez o grande público o ignore ainda — uma escola que é, no domínio da arte que professa como uma religião — um verdadeiro «viveiro». É o «viveiro musical» do professor Gonçalves Simões. Visitámo-lo há dias, a alegria no espirito, o encanto nos olhos. Porque era um enlêvo alhar essa garotada irrequieta mas predestinada de cinco a oito anos que, na sua inocência e na sua pureza, só encontra na Arte o seu mundo — o pequeno mundo dos seus sonhos.

O «viveiro musical» representa, na verdade, uma iniciativa bastante simpática e louvável. É bem o produto de quem, muito querendo à música, tudo faz e tudo lhe dá para a servir. Em espirito, em trabalho — e até em dinheiro. Porque a obra do prof. Gonçalves Simões mantém-se desprovida de qualquer ajuda oficial. E, no entanto, bem a merece. Presentemente, recebem d'ele lições de música — quinze artistas de palmo e meio. Alguns já tocam — e com que intuição e habilidade! Alguns d'esses alunos: José Pedro Gomes, de 8 anos; Maria Helena, de 7; Maria Irene Noronha de Barros, de 8; Armando Pina Mendes e Octávio Luis de Almeida, de 5; e Raúl Fausto Rodrigues — este de 4 anos e meio!

— Qual o objectivo d'este «viveiro musical»?

É o próprio professor Gonçalves Simões quem nos responde:

— Procurar os pequenos génios. Mais do que isso — revelá-los!

Na verdade, sem este esforço discreto mas sincero de um homem que fêz da música a grande paixão da sua vida, quantas vocações se perderiam, quantas qualidades excepcionais não chegaram a revelar-se, quantos pequenos génios se conservariam ignorados, desconhecendo eles próprios os lampejos que divinamente os iluminam?

UMA EXPLICAÇÃO AOS NOSSOS LEITORES

Apesar de há já alguns meses não ter havido maneira de conseguir que as fábricas nacionais, nossas fornecedoras, fizessem entrega do papel destinado à impressão de «Vida Mundial Ilustrada», temos podido vencer as maiores dificuldades para manter a revista com o papel costumado, adquirindo-o, a bem mais elevado preço, em vários armazéns de Lisboa. Agora, porém, que estão esgotados todos esses «stocks», vimo-nos na imperiosa necessidade de mudar de papel, utilizando o papel de jornal de procedência americana de que ainda presuimos alguma existência. Força-nos esse papel, no entanto, dadas as suas medidas diferentes, a ter de alterar, ainda que ligeiramente, o formato habitual da revista. Embora isso pouco ou nada possa prejudicar os nossos leitores, visto que aumentamos o número de páginas, por semana, de 20 para 24, nem por esse motivo o facto nos deixa de contrariar bastante. Mas havia que tomar uma decisão — e imediata. E entre ter de tomar a que tomámos e a de ter de suspender, por falta do papel do costume, a publicação regular de «Vida Mundial Ilustrada» — não hesitámos, certos, de resto, que perderíamos contar de antemão, para esse efeito, com a compreensão e a amizade de todos aquêles que, de qualquer modo, se têm mostrado sempre nossos amigos.

FALA-SE ESTA SEMANA DE...

DOUGLAS BROWN



Distinto jornalista britânico que deixou recentemente as funções de correspondente do «Times» em Lisboa e em breve abandona o nosso país, onde conquistou as maiores simpatias entre os seus camaradas portugueses, não só pelos seus méritos profissionais, mas também pelas suas excelentes qualidades pessoais. Durante ano e meio, Douglas Brown fêz publicar no seu jornal — o maior e o mais importante jornal de Inglaterra — artigos cheios de amizade e de respeito por Portugal, desenvolvendo, por esse motivo, uma acção muito útil ao serviço das relações luso-britânicas.

ANTÓNIO MARIA PEREIRA



Conhecido livreiro e editor, proprietário da Parceria que tem o seu nome, cuja obra editorial tem obtido extraordinária projecção nos nossos meios literários e no público, António Maria Pereira é também o presidente da direcção do Grémio dos Editores e Livreiros, e nessa qualidade orienta os trabalhos de organização da Feira do Livro que se inaugura no próximo dia 27, com a assistência do Chefe do Estado e Subsecretário de Estado da Educação Nacional — certame que tem obtido o maior êxito todos os anos e constitue, na realidade, uma iniciativa digna do melhor acolhimento e a que deve render-se os melhores louvores, e



Sérgio Varela Cid — seis anos. Compõe e executa. E acompanha sua irmã Vera Maria, dois anos mais nova.



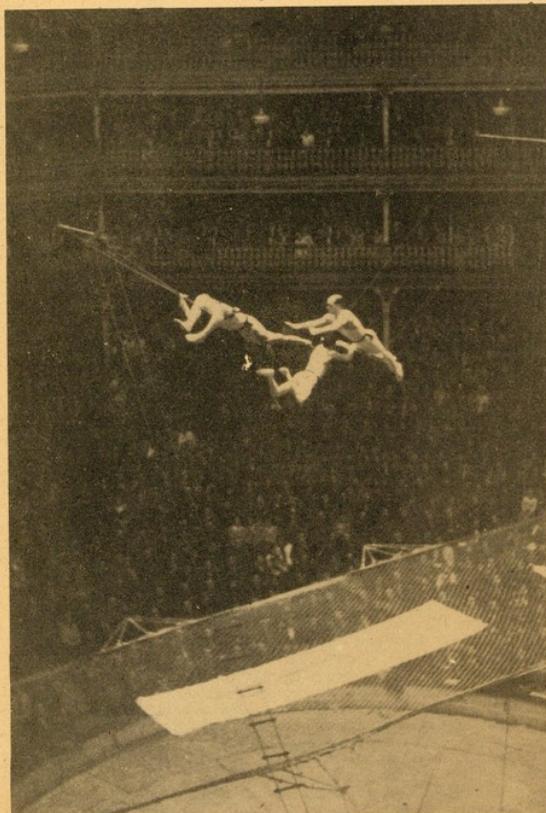
O PRESIDENTE ROOSEVELT recebe das mãos do seu secretário Francis Sayre, na Casa Branca, uma curiosa lembrança que lhe acaba de enviar o general Mac Arthur: a espada dum oficial japonês morto nas Filipinas em combate com as tropas norte-americanas.

O LISBOA GINÁSIO

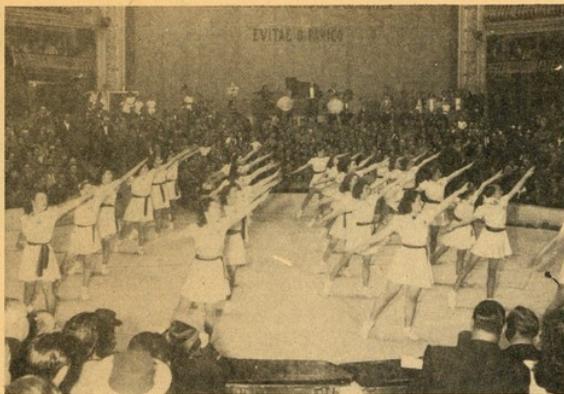
*Escola de arte
e de desporto*

«Vida Mundial Ilustrada», ao arquivar nesta página alguns dos mais flagrantes instantâneos colhidos no sarau levado a efeito recentemente no Coliseu dos Recreios, pelo Lisboa Ginásio Clube, presta homenagem a um Instituto de Educação Física, cujo trabalho de 23 anos de existência em favor duma Causa que em Portugal só muito tarde se começou a tomar a sério, tem sido dos mais fecundos, pela consciência e bases pedagógicas que desde os seus primórdios o alicerçam. Sem outros recursos, sem outro estímulo que não sejam os fornecidos pela generosidade e dedicação dos seus associados, o Lisboa Ginásio vangloria-se mui justamente dum prestígio obtido pelo seu próprio mérito.

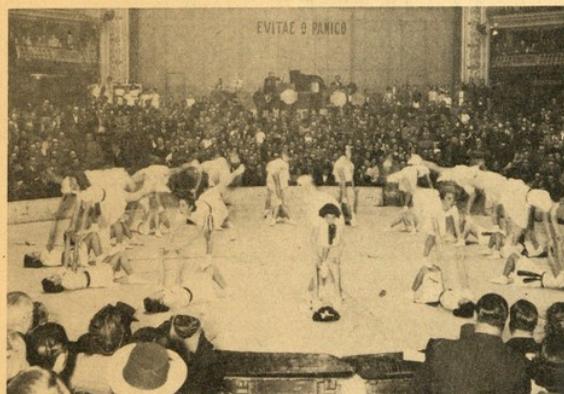
O sarau, que constituiu um dos casos mais falados do movimento desportivo português, pelo significado profundamente construtivo de que se revestiu, não foi mais, afinal, do que a ratificação dum valor que de há muito elevaram a gloriosa colectividade da rua dos Anjos a um pedestal de positiva supremacia, entre as suas congéneres portuguesas.



Temeridade, audácia, valor: três predicados que os «voadores» do Lisboa Ginásio Clube evidenciaram largamente no memorável sarau do Coliseu. O «clou» do programa, que arrebatou o público. Os «vãos» à Codona, têm tido entre nós poucos praticantes devido à sua dificuldade. No instantâneo, uma «passagem» espectacular e emocional. O «base» é Robalo Gouveia; para as suas mãos projecta-se Rogério Torres, enquanto Teodoro Nunes, que largou o «base», se passa para o outro trapézio...



Sugestivo e harmonioso exercício da classe de meninas, superiormente dirigida pelo professor Anibal Ramos



Outra correcta atitude da mesma classe



Um dos números que encantou a assistência pela aliciente beleza visual, foi o do bailado executado por 26 meninas das classes de ginmástica, dirigidas pelo bailarino Charles. Um quadro, onde o «belo» e o «rítmico» pairaram a grande altura.

(Fotos Jorge Garcia)

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

panorama internacional

A BOTA E O PÉ

por Francisco Velloso

De cada vez mais, no rápido curso de uma oitava, os acontecimentos já tomaram proporções enormes e imprevisíveis. A urgência da ofensiva alemã, o alastramento do bloco das nações reunidas, assinalam essa transformação precipite.

ENSAIOS E PRELÓDIOS



Desde a madrugada do dia 8, importantes forças do exército alemão atacaram violentamente as posições russas na Península da Crimeia. No dia 12, o comunicado alemão declarava que a batalha «de perfuração», havia terminado e que, os russos retiravam «em direcção a Kertch». O comunicado russo daquela mesma data considerava repetidos dois ataques alemães, dos três por estes desencadeados, e um só, o da esquerda, ao longo da margem norte da Península, com relativo resultado. A 16, anunciava-se a tomada da cidade e do porto de Kertch. Parece-nos que as expressões citadas do comunicado russo são assás claras para se compreender as do comunicado germânico e devem aguardar-se os pormenores. Os técnicos melhor o haverão de explicar.

É isto, porém, a ofensiva alemã da primavera a leste? A seguir ao ataque a Kertch virá o do Cáucaso? Os despachos iniciais, de procedência alemã e francesa logo advertiam que se tratava de uma ofensiva restricta, à qual depois chamaram «ensaio geral», da outra, da geral. No dia 13, de Ankara, marcavam para o prazo de 23 a 30 deste mês o provável desencadear da «verdadeira ofensiva alemã» — precedida de uma ofensiva secundária pelas forças do Eixo no Mediterrâneo, hipótese versada com somados argumentos nesta revista pelo sr. Coronel Lelo Portela, à qual devem referir-se as informações recentes da chegada de grandes reforços aos aliados, sobretudo em aviação, pois parece que nesta fase da guerra já não pode haver surpresas para qualquer dos adversários. O mesmo telegrama de Ankara

acrescentava que «uma fonte autorizada calcula que as forças alemãs actualmente concentradas na Rússia sejam constituídas por 25 divisões blindadas; 20 divisões motorizadas; 140 divisões de infantaria de primeira classe e 110 divisões de infantaria de segunda e terceira classe, num total aproximado de três milhões de homens.»

No dia 11, o comunicado russo continha o seguinte, em linguagem que não costuma empregar: «Na «frente» Sul, o inimigo continua a concentrar grandes massas de homens e de material de guerra nesta «frente», especialmente divisões blindadas. Nós fazemos o mesmo. As nossas fábricas de «tanks», instaladas no interior do país, produzem, agora, várias vezes mais do que há seis meses atrás, razão pela qual estamos em condições de fabricar o número suficiente de «tanks» para derrotar a Alemanha durante o corrente ano.» Estas expressões ligam-se directamente a outras de telegramas anteriores, vias Estocolmo e Londres, de igual procedência, os quais martelavam, intencionalmente, em que o alto comando russo preparava-se para uma ofensiva. Esta, no mesmo despacho de 9, em que se noticiava uma reacção de avanço para Bellgorod (depois confirmado pela O. F. I.) chegava a ser falada para próximo tempo, e esta agência officiosa francesa, segundo relatavam de Londres no dia seguinte, noticiava que os preparativos russos iam mais adiantados que os alemães «para uma contra-ofensiva ou para uma ofensiva independente» e punha até o caso de Hitler adiar para cerca de 22 de Junho o seu avanço, efectuando neste meio tempo o ataque sobre o Mediterrâneo. Como a glosar estes informes, Timochenko respondia ao ataque na Crimeia com uma ofensiva russa em Karkov.

Ao que topamos nas fôlhas, acerca dos reforços ingleses na Síria, em Chipre, em Malta, e dum afundamento de 3 contratorpedeiros britânicos no Mediterrâneo Oriental, é de acrescentar estas advertências londrinas sobre as dificuldades das operações navais nessa parte do mesmo mar: «As forças aéreas do Eixo em Creta não só podem atacar as vias marítimas aliadas, mas também as áreas de Alexandria e do Canal de Suez. As operações navais britânicas no Mediterrâneo oriental têm sido muito dificultadas com a ocupação de

Creta pelo inimigo.» Erros que a longe vêm?... A ilha de Malta, a cuja resistência—até há pouco bravamente comandada pelo general Dobbie, e agora por Lord Gort que veio de Gibraltar, dois homens de boa raça militar—os alemães rendem elegante elogio, compensa um tanto, como guarda e apoio da acção da esquadra de Cunningham sobre os comboios de abastecimento ao exército alemão da Líbia, aquele desfalque no Mediterrâneo Oriental. Por outro lado falava-se há pouco em que esse exército (em cujo comando Romell teria sido substituído, afim de assumir outro na frente russa) haviam aparecido já aviões pintados de branco que aviadores ingleses conheciam, por tal motivo, vindos dessa frente. O facto de uma diminuição do assalto a Malta traduziria os preparativos acima referidos para um ataque geral à Rússia ou para um assalto ao Mediterrâneo desde as bases do sul da Itália, recém-inspecionadas pelo marechal alemão Kessel.

Dêste resumo, julgamos lícito concluir que a hipótese duma ofensiva ou contra-ofensiva russa, com poderosos meios, não está excluída, mas que por isso mesmo, a alemã poderá ser precipitada. A criação duma nova frente aliada funcionaria em função de como evoluíssem as reacções russas, segundo se dizia no dia 2 em Washington. E a ver vamos.

A RÉPLICA DE CHURCHILL



Sobre estas oscilações pairou o discurso ou mensagem radiodifundida de Churchill no dia 10. O grande estadista inglês defrontou visivelmente, a última e frenética oração de Hitler na Opera Kroll de Berlim, no dia 27 do mês passado, à qual, como avançada, Eden já auzurra no dia 8 em Edimburgo.

De há muito o Primeiro Ministro não acudira à tribuna. Cripps tem no substituído perante o parlamento e noutras emergências. Assim, e tal qual sucedera com as afirmações do Führer, as palavras de Churchill foram ansiosamente esperadas. Da impressão que causaram em todas as pessoas que, segundo uma expressão americana, constituem o bloco das «nações reunidas», ecoaram os mais ani-

mos aplausos. Dir-se-hia que foi uma revitalização moral no momento exacto. Cordell Hull chamou-lhe maravilhoso, e isto diz tudo.

Para estas anotações de factos, importa salientar os passos principais de tão notáveis declarações estremecendo de novo numa eloquência que incontestavelmente não tem rival entre os actuais chefes dos governos beligerantes.

Churchill soube acentuar, com galharda justiça, que durante dois anos—facto de espantosa importância—foi a Inglaterra que, sózinha, agigantou a guerra: «Conquistámos o império italiano. Destruímos ou aprisionámos quasi todo o exército africano de Mussolini. Libertámos a Abissínia. Protegemos com êxito, até agora, a Palestina, a Síria, a Pérsia e o Iraque dos desígnios alemães. Sofremos pesados reverses ao irmos em auxílio dos gregos. Suportámos, sem vergar, muitos e pesados golpes, fora da Metrópole, e ainda mais nas nossas cidades da Grã-Bretanha. E durante todo esse tempo, animados e auxiliados pelo Presidente Roosevelt e pelos Estados-Unidos, ficámos sós sem nunca desanimar nem ceder.»

Dado este balanço de vitórias e reverses, de que a história há-de falar por largo tempo, fala ainda da luta da Inglaterra contra Napoleão, Churchill, alegando que, se as democracias cometem erros, deles não são isentas as ditaduras, apontou como exemplo destes últimos o já averiguado de Hitler ao invadir a Rússia, abonando-se para o denunciar nas próprias confissões, mais ou menos explícitas, do homem de Estado alemão. E repetindo que a Grã-Bretanha e os Estados-Unidos estão ligados à Rússia por um pacto de «irmandade e união solene», designação que retribue outra semelhante dada ao mesmo pacto por Estaline no primeiro dia deste mês, Churchill marcou com a sua confiança na resistência e na reacção russa (aquela a que atrás fizemos referência) a primeira base de um programa de guerra dos aliados. A segunda ficou-a na ofensiva da R. A. F. sobre a Alemanha «um dos factos principais deste ano de guerra». Alexander, o Primeiro Lord do Almirantado, já afirmara no princípio deste ano, que 1942 seria da aviação, como quem previne que não poderia ser exigido da Armada um esforço maior do que o actual, em conjugação com a norte-americana cujo contributo

A ÍNDIA E A AUSTRÁLIA



STIWELL

O Pacífico é considerado, não perante a opinião geral da América do Norte, mas pelos seus homens responsáveis como o teatro número dois da guerra mundial. As esquadras e a aviação norte-americanas pertencem, especialmente e com progressivo poder, em proporção com o aumento da produção, as reacções defensivas e contra-ofensivas nessa extensa parte do globo, ilaqueando o Japão (e, sobretudo impedindo que ele retire das Ilhas Holandesas certas matérias-primas, objectivo do seu actual e maior cuidado para suprir desgastes que já industrialmente se lhe fazem sentir) e desfalcando o mais possível a sua força naval.

Mas não é assim a Índia nem a China. Uma irrupção sobre a primeira e sobre o Índico pode ferir seriamente centros nevralgicos do bloco das nações aliadas. É de crer em que o Japão, senhor de importantes bases na Malásia e do pórtio de Singapura, não se meta em mais largas dispersões, porque já não é pequeno o seu calcanhar a descoberto nas que fez. Mas veja-se que falta faz às comunicações com a China a estrada da Birmânia ou de Mandalay, que imediatamente não pode ser suprida, e verifique-se a urgência da actual resistência: Embora a rasgarem-se outras vias estradadas para aquele fim, elas levam tempo a concluir. Wawell disse-o a 12 e 13 deste mês, sem rodeios: — a aviação e o material pesado são essenciais. São as fábricas norte-americanas que têm de os fornecer, com quanto a indústria de guerra na Índia seja de vulto. É evidente a responsabilidades dos meios de transporte por mar, em tão largos percursos.

As forças de combate da Índia, dizia-se há pouco de Nova Delhi, estão reorganizadas e prontas para enfrentar a invasão japonesa donde quer que ela venha. Debalde Gandhi aconselhava em Bombaim, no dia 10, os hindús a dobrarem o joelho ante o japonês. O movimento de levantamento nacional vai alastrando. Bose, o chefe germanófilo, clamava de Berlim que em maio deste ano estalaria uma guerra de independência. Será tarde já para o conseguir mesmo com a trega cooperação de Gandhi, que os ingleses terão de julgar. Mas a situação persiste nos termos em que o correspondente da Reuter a descrevia de Calcutá.

«A Índia não tem, contudo uma aviação suficiente. Dispõe de um forte exército de terra armado e equipados da maneira mais eficiente, mas a vitória ou a derrota, na hipótese dum ataque dos japoneses, dependerá largamente das nossas possibilidades em manter certa superioridade sobre a força aérea do inimigo e das nossas forças navais evitarem que as unidades de guerra japonesas entrem nas águas do norte da baía de

(Continua na pág. 17)

supre vantajosamente as importantes perdas sofridas durante dois anos pelas esquadras e frotas mercantes britânicas. E aludindo à quasi sugestão alemã, e depois, expressamente, ao telegrama semi-oficioso de Berlim para Genebra no dia 1 de Maio, pelo correspondente do *Journal de Genève* na capital do Reich, de que a *Lufwaffe* cessaria de bombardear destruidoramente cidades inglesas, desde que a *Royal Air Force* deixasse de atacar maciçamente cidades alemãs, — Churchill negou-se terminantemente à proposta, e como resposta recordando quanto outrora custaram os sofrimentos do povo inglês sob os ataques aéreos ao seu implacável inimigo, replicou: «Agora a bota, mudou de pé. Estamos em situação de lançar na Alemanha muitas vezes as toneladas de bombas que Hitler pode lançar sobre nós, e essa produção aumentará durante todo o verão, todo o outono, e todo o inverno. Além disso, e ao mesmo tempo, os nossos métodos de defesa contra os seus aviões já pagaram e repagaram o imenso cuidado e ciência que lhe dedicamos e a larga escala em que são aplicados.»

As populações largou este terrível aviso: «É dever tratá-las a todas como já tratámos Lubek, Rostock, e meia dúzia de outras importantes localidades. A população civil alemão tem porém maneira fácil de escapar a estes sofrimentos. Tudo quanto tem a fazer é abandonar as cidades onde se fabrique material de guerra, abandonar o seu trabalho e ir para os campos observar, a distância, a actividade dos incêndios.» O grosso da ameaça britânica prometeu-a para quando se desencadear «o ciclone contra a frente russa». E acrescentou: «Enviamos as nossas saudações aos exércitos russos e esperamos que os milhares de «tanks» e aviões enviados em seu auxílio da Inglaterra e da América sejam util contribuição para juntar aos seus próprios recursos desenvolvidos.»

Nunca talvez na Grande Guerra assistíssemos a um duelo tão violento!

Deste ináudito grau de intransigência, foi ainda a seguinte advertência de Churchill: «O governo russo exprimiou-nos a sua suspeita de que os alemães, no desespêro do seu ataque, fôsem fazer uso de gases venenosos contra os exércitos e o povo da Rússia. Estamos firmemente resolvidos a não empregar essa arma odiosa enquanto não for usada pelos alemães. Conhecendo-os, porém, não deixamos de fazer preparativos em larga escala. Desejo agora esclarecer que consideramos o uso não provocado de gases venenosos contra os nossos aliados russos, exactamente como se fôsem usados contra nós.»

De facto, o alarme veio da Crimeia. A 12, de Berlim, a Wilhelmstrasse, como era da regra do jogo, declarava oficialmente que «se Churchill der ordem para começar a guerra dos gases, se verá rapidamente quem terá de sofrer as consequências», mas que «o povo alemão foi informado de que o seu exército está melhor preparado para essa guerra e de que as armas alemãs são me-

lhores do que as inglesas». Dos dois textos, saltam as conclusões à vista.

Por fim, a referência ao heroísmo de Malta, a saídação à França, «que se levantou em Saint-Nazaire», para retorquir «às exaltações de Vichy» contra a ocupação de Madagascar «que fica sob a salvaguarda das Nações unidas», e o remate: «Esta noite dirijo-vos, portanto, uma mensagem de bom encorajamento. Merecia-la e os factos comprovam-na. Mas seja boa ou má não nos fará diferença. Continuaremos até ao fim e cumpriremos o nosso dever: *vencer ou morrer*. Com o auxílio de Deus não podemos deixar de o cumprir.»

Assim falou Churchill.

O OUTRO PARCEIRO



SATO

Um telegrama de Estocolmo em que a O. F. I. desenvolve e interpreta autorisadamente o comunicado de Berlim refere-se aos seguintes cálculos de um técnico militar

sueco reputados ver-símeis, da orientação em que seguiria a ofensiva alemã: 1.ª Ofensiva siva geral na frente russa logo que as circunstâncias o permitam com eventual e paralelo ataque dos nipões contra os russos no Extremo Oriente; 2.ª Defensiva a leste e tentativa no verão ou outono de invasão da Inglaterra; 3.ª Ofensiva contra o Cáucaso e possessões centrais dos ingleses no Próximo Oriente compreendendo Suez e Mossul com ou sem ofensiva paralela dos nipões contra o oeste; 4.ª Ofensiva alemã limitada na região do sul com vista ao Cáucaso.

Não oferecem novidade de maior estes prognósticos. É no entanto digno de nota que na 1.ª e 3.ª hipóteses (e esta pode engamar-se ao ataque alemão sobre Kertch) funciona o Japão na Sibéria. No dia 27 de Abril, de Tóquio, citava-se uma gazeta nipónica, o *Hotchi Shimbun*, reclamando que fosse recuperado pelo respectivo embaixador o lugar do representante russo que há três meses foi a Moscovo e não tornou — dizia a agência alemã que dava a informação. No dia 8 do corrente, a Reuter transmitia de Xung King a informação de que forças nipónicas trazidas à pressa do Norte da China para a Manchuria, aqui se acumulavam, substituídas por outras de Nanquim nas guarnições. O correspondente do *Daily Mail* em Estocolmo, Ralph Hevins, e depois o seu correspondente em Washington, diziam, no dia 12, que crescia a tensão na fronteira do Manchuco, esperando-se um choque dentro de 30 dias, prazo que como se vê, o aludido crítico militar sueco encarta. Os japoneses teriam meio milhão de homens para distribuir contra Vladivostok, Khabarovsk (ao longo do rio Amur e do Transiberiano) e Chita, apoiados na aviação em diversos aeródromos e a favor de terreno e comunicações, os quais se lançariam ao assalto «se os russos não se desbarraçassem rapidamente da ofensiva nazi na Europa.»

E Sato, novo embaixador japonês na Rússia, não voltou a fazer declarações.

Churchill, embora não directamente, também se referiu ao caso ao descrever a *guerra universal*, e disse: «É facto que os japoneses, aproveitando-se das nossas preocupações noutros pontos e dos Estados-Unidos terem procurado por tão longo tempo conservar a paz, se apoderaram mais fácil e mais rapidamente do que esperavam das terras desejadas no arquipélago das Índias Orientais. Daqui para diante encontrarão a resistência a afirmar-se em todas as frentes tão largamente espalhadas.»

Essa resistência aparece, durante a oitava, em dois acontecimentos distintos: — a batalha naval do Mar de Coral e a campanha da ofensiva nipónica nas fronteiras da China (Yunnan) e da Birmânia.

A primeira entre 7 e 9 do mês corrente, cifrou-se na dispersão pelas esquadras americana e inglesa, com perdas que se avaliam em cerca de oito a dez unidades da esquadra nipónica de protecção, de um nutrido comboio de transportes japoneses que descia a caminho da invasão da Austrália. Disse-se que seria 18 o número das referidas unidades, o que era manifestamente exagerado. Os anglo-americanos ocultam ainda as suas perdas ou avarias com o evidente fim de frustrar ao inimigo o cálculo das forças que o atacaram. Só mais adiante isto será conhecido, tal como aconteceu com o bombardeamento aéreo das cidades japonesas que provocou largos incêndios quebrando a anunciada imunidade do arquipélago metropolitano do Japão. Em face do rijo ataque das forças navais aliadas, os transportes japoneses dispersaram pelas ilhas da Malásia (Borneo ou Celebes) ou recuaram. Tratou-se pois, segundo parece, não propriamente duma derrota, mas de um revés, e em qualquer caso do fim do domínio naval quasi absoluto do Japão no Pacífico. Também aqui, como já se verificara no ataque inútil a Tricomale e a Colombo, na ilha de Ceilão (muito embora uma parte da esquadra japonesa permanença à entrada do Índico) a situação se transformou.

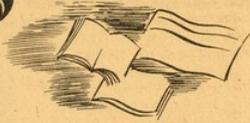
O general Tojo vozeou em Tóquio, a desafiar a América, mas esta não lhe correu ao fiado de lhe fazer as desejadas revelações.

Os combates na Birmânia e na fronteira da China evoluíram desfavoravelmente para o Sol Nascente. A mão de comando do general Stiwell coadjuvava o exército chinês na defesa da fronteira, e sobre Lashio e Maymio ameaçava toda a retaguarda das forças nipónicas que avançavam para Mandalay e pela Alta Birmânia — enquanto, entrando pelo bom caminho, os reforços da aviação norte-americana, recém-chegados à Índia castigavam os aeródromos indo chineses que a felonia de Decoux forneceu aos invasores.

O Japão, também fustigado pelos comandos chins em jactos de assalto sobre Nanquim, Changhai e outras cidades litorâneas, continua, pois, vendo crescer diante de si uma barreira que entretanto já começa a influir nas operações.



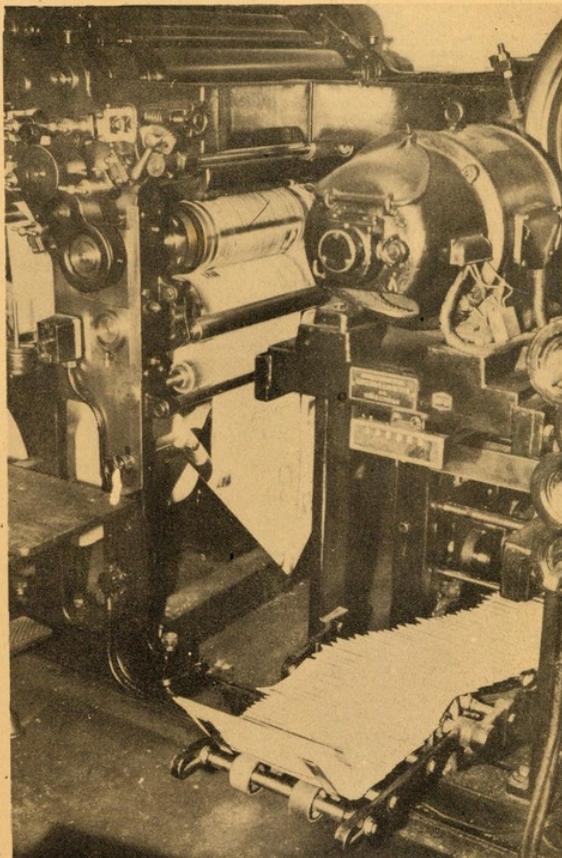
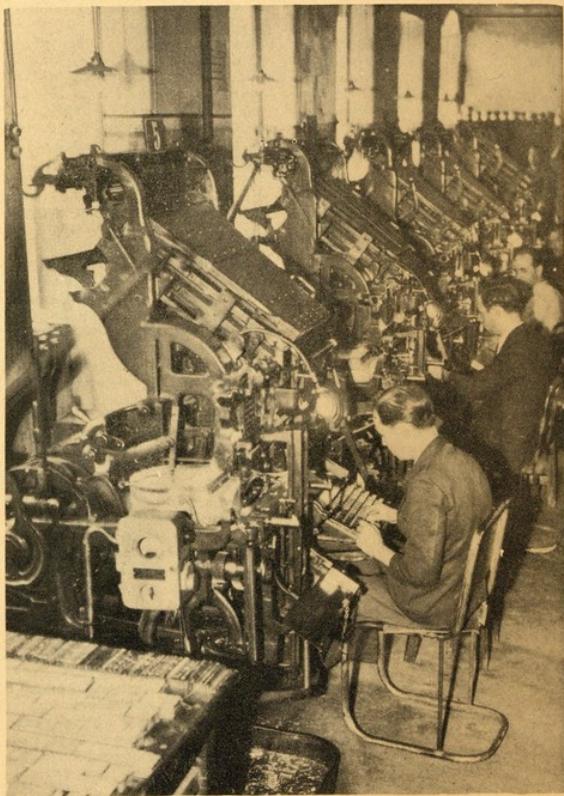
Assim * * de * * faz um jornal



E

SSE jornal é «Vida Mundial». Não esta, mas a outra — a «Vida Mundial»-mãe, digamos assim. Aquela que apareceu pela primeira vez em 13 de Maio de 1939 e completou, no dia 13 deste mês, três anos de publicação — e de êxito. Gostaríamos de contar a sua pequena história — a história do seu triunfo. O triunfo de um jornal que começou com 5.000 exemplares de tiragem — e já tem atingido tiragens de 40.000 exemplares. Mas isso não nos é possível. O espaço não nos

permite fazê-lo. E, assim, o que deveria constituir a crónica dessa pequena história da imprensa portuguesa, terá de ficar limitada a legenda — uma simples legenda a enquadrar as imagens destas duas páginas...



Como se faz o jornal... Do seu lugar de comando — uma discreta secretária de trabalho — onde os jornais, os livros, a correspondência e o próprio telefone, com os seus alertas constantes, formam um verdadeiro mundo onde o pensamento não conhece fronteiras — o director de «Vida Mundial» passa o seu dia em permanente contacto com outro mundo — o pequeno mundo dos seus colaboradores, desde os que traduzem os artigos mais palpitantes dos jornais mais diversos dos diferentes países até àquêles, não menos dedicados, que, nas «linotipes» e na rotativa, depois os compõem e imprimem.

Mas há um trabalho mais difícil a cumprir. Mais difícil — pela responsabilidade que envolve e representa. O de ler, o de seleccionar os artigos, em horas seguidas e absorventes de leitura, noite adiante, enquanto a cidade dorme... Procurar escolher os melhores, sem resvalar

no acinte das tendências nem cair na teia das paixões. Revelar a Portugal o que se pensa, diz e faz no mundo nesta hora em que este escreve, com sangue, as páginas mais dramáticas da sua história — sem que as idéias corruptoras ou os exemplos fratricidas desse mundo cego pela revolta ou pela ambição, possam vir a constituir uma tentação para um povo como o nosso que só na paz em que vive pode encontrar a felicidade que merece.

Mas mesmo essa missão se cumpre, melhor ou pior, tão bem quanto se sabe e tanto quanto as circunstâncias o permitem...

E o jornal faz-se. As «linotipes» trabalham para ele três dias por semana. A «rotativa», engulindo mais de duas toneladas de papel de cada feita, imprime-o em pouco mais de seis horas... E todos os sábados, logo às primeiras horas da manhã — e já lá vão três anos que isto é assim — ele surge, gritante nos seus títulos e ainda fresco da tinta, nas mãos amigas dos «ardinas» de Lisboa inteira... E é o mesmo pregão, o mesmo grito, por tôdas as ruas e praças:

— «Vida Mundial». Cá está «Vida Mundial»!

Mas nem só Lisboa é o país... Há que fazer chegar o jornal ao país inteiro, às ilhas, às colónias. E isto demanda, necessariamente, da parte da sua administração, uma organização tão completa como complexa. Está esta confiada a boas mãos. E é mercê do perfeito funcionamento dessa máquina, do completo ajustamento das suas engrenagens — que vão desde o seu serviço de assinatura, pelo correio, até ao serviço de agentes pelos caminhos de ferro, — que «Vida Mundial» consegue chegar, sempre a tempo e horas, aos pontos mais distantes de Portugal, do Minho ao Algarve, desde a cidade mais populosa à aldeia mais recôndita...

É assim tôdas as semanas, que Deus deita ao mundo. Sem uma quebra de vontade, sem uma fraqueza de energia, sempre no mesmo ritmo de trabalho, com o mesmo entusiasmo e com a mesma fé. Queremos e podemos.

E é desta forma tão simples, comum seja a



quem fór, que pode ver-se todos os sábados, não já só em Lisboa, mas através do país inteiro, «Vida Mundial» a circular aos milhares, — e nas mãos de tôda a gente; que pode ouvir-se, em Portugal, de lés-a-lés, o mesmo pregão e o mesmo grito:

— «Vida Mundial». Cá está «Vida Mundial»!

E este grito é, afinal, o que constitui o nosso triunfo.



Na página da esquerda — Em cima: O director de «Vida Mundial» sempre em contacto com o pequeno mundo dos seus colaboradores... Em baixo, à esquerda: As «linotipes» compõem o jornal, enquanto a «rotativa» (à direita) o imprime à máxima velocidade, atirando cá para fora dezenas de milhar de exemplares...

Nesta página, em cima: o administrador da «Vida Mundial» estuda e trata dos múltiplos aspectos da vida administrativa do jornal. Em baixo: Em dezenas de maços, «Vida Mundial» está pronta para seguir para a província no primeiro correio e no primeiro combóia... E horas depois, em Lisboa, no Pôrto, no país inteiro — «Vida Mundial» é disputada com interesse por todo o público...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo VII — No céu de Londres!

2

A «LUFTWAFFE» SOBRE A GRÃ-BRETANHA



DOIS anos depois dos acontecimentos dramáticos que então se desenrolaram, no dia 12 de Maio de 1942, Churchill, levando a sua máscara contra gases, passou revista, na Câmara dos Comuns, a uma companhia da Guarda Nacional, e afirmou o seguinte: «Dispomos hoje de cerca de um milhão e setecentos e cinquenta mil homens da Guarda Nacional. Se em 1940 o inimigo nos tivesse atacado com paraquedistas, em larga escala, não teria encontrado oposição a não ser da parte de pequenos grupos de homens, armados na sua maioria unicamente com espingardas de caça».

Nenhum testemunho mais autorizado do que o do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha para caracterizar o estado de impreparação militar em que se encontrava o seu país quando a assinatura do armistício com a França, pondo termo às hostilidades no continente, criou para o governo britânico uma situação desesperada. Pode dizer-se que, nesse momento angustioso, a palavra de Churchill foi a única arma verdadeiramente eficaz posta ao serviço da causa britânica. Sem ela, é quasi certo que a Inglaterra teria encarado a hipótese de concluir igualmente a paz, como se esperava em Berlim.

A Guarda Nacional pode dizer-se que, praticamente, não havia nascido como formação capaz de enfrentar um inimigo poderoso e apetrechado. Tendo decretado o serviço militar obrigatório apenas um ano antes, a Inglaterra estava adestrando as suas classes novas, mas como exército pode dizer-se que apenas dispunha dos contingentes incorporados no Corpo Expedicionário. Descontados os prisioneiros que haviam ficado em França, o número de evacuados em Dunquerque era insuficiente para repelir uma invasão realizada por alguns centos de milhar de homens. O mais grave era que o equipamento destes não pudera ser transportado. Carros, havia os que tinham saído recentemente das fábricas, o mesmo podendo dizer-se da artilharia. O caso da D. C. A. não oferecia os mesmos inconvenientes, pois fora sempre uma preocupação dos dirigentes ingleses prevenir-se contra a possibilidade de ataques aéreos maciços por parte da «Luftwaffe». Em resumo, havia um embrião de organização militar, um sistema regular de defesa passiva e uns centos de milhar de homens aguerridos mas praticamente desarmados.

PREOCUPAÇÕES BRITANICAS

Tão graves como as preocupações relativas à insuficiência das forças terrestres de que dispunha, eram as que derivavam da situação criada à Armada Real britânica pela conclusão do armistício. O problema da esquadra francesa e a iminência duma intervenção directa da esquadra italiana nas operações criavam no mar um condicionalismo novo que obrigava o Almirantado a rever todas as suas concepções e todos os seus planos.

O número de navios de linhas de que dispunha nessa altura a esquadra britânica (14 depois do afundamento do couraçado «Royal Oak» no ancoradouro de Scapa Flow) era sensivelmente igual ao que poderia conseguir-se juntando os navios de linha da esquadra alemã, francesa e italiana. A diferença, a favor do «eixo», se essa hipótese se verificasse, estava em que os navios de que passaria a dispor o bloco italo-alemão eram na sua quasi totalidade, mais recentes, em construção e armamento, do que aquêles que os ingleses estavam em condições de lhes opor. As unidades da classe «Georges V», que tão importante papel haviam de desempenhar depois no decurso das operações, bem como os novos porta-aviões britânicos, ainda não tinham

entrado em serviço. Pelo contrário, os alemães mantinham um segredo impenetrável sobre o estado de adiantamento dos seus couraçados da classe «Bismarck»-«Tirpitz», um dos quais certamente já nessa altura estava em serviço. Do lado italiano o concurso efectivo dos navios da classe «Littorio» era uma contribuição apreciável para o esforço comum. Que aconteceria se aos dez navios de linha que a Alemanha e a Itália podiam mobilizar (seis italianos e quatro alemães) viessem juntar-se as magnificas unidades de que dispunha a esquadra francesa? O «Dunkerque» e o «Strasbourg» eram consideradas pelos meios técnicos competentes como duas autênticas maravilhas da construção naval. Quanto aos navios de trinta e cinco mil toneladas em acabamento, o «Ri-



Os efeitos da ofensiva aérea alemã sobre a Inglaterra no verão de 1940 — Um aspecto do ataque a um incêndio provocado na «City» de Londres por um bombardeamento nocturno da «Luftwaffe».

cheliu» e o «Jean Bart» seria relativamente fácil concluir os trabalhos de que ainda precisavam para poderem entrar em acção. Era uma situação angustiosa a que o Almirantado tinha de enfrentar. Foi para ela que convergiram imediatamente as atenções militares e políticas da Grã-Bretanha.

A ESQUADRA E AS COLÓNIAS FRANCESAS

Quanto aos outros tipos de unidades, a diferença entre o poder naval da Grã-Bretanha e o do «eixo», incluindo a esquadra francesa, seria o seguinte: sessenta cruzadores ingleses e quarenta e seis do «eixo»; cento e cinquenta contratorpedeiros ingleses e duzentos e cinquenta do «eixo». Em matéria de submarinos, era conhecida a superioridade do grupo germano-italiano que, de há muito, se preparava activamente para utilizar essa arma no caso de se desencadear as hostilidades.

Com o problema da esquadra francesa coincidia o problema das colónias francesas.

Pela sua posição geográfica e pela importância dos efectivos militares que nelas se haviam concentrado, essas colónias podiam desempenhar um papel preponderante na preparação do futuro. Se os homens que a França havia colocado a dirigí-los se pronunciassem pela causa da resistência as circunstâncias delicadas em que a Grã-Bretanha se debatia sofreriam uma transformação sensível. Na Síria e em Marrocos havia exércitos que totalizavam alguns centos de milhares de homens, bem treinados e bem enquadrados, cujo moral se considerava geralmente excelente.

Uma das vilasulas do armistício estabelecia que o governo francês, saído da derrota, impediria, por todos os meios, que em qualquer parcela do seu Império colonial se manifestassem quaisquer propósitos agressivos. Para dar cumprimento a essa cláusula, o governo francês, que se instalara em Vichy, substituiu o governador da Indo-China. O general Weygand que, apesar da derrota continuava a gozar duma reputação excepcional nos meios militares do seu país, tomou um avião e dirigiu-se à Síria, onde conferenciou demoradamente com o seu camarada Mittelhauser que comandava superiormente as forças que ali se tinham concentrado. Idênticas conversações se realizaram em Marrocos com o general Nogués, considerado um militar de grande categoria e um colonialista reputado. Mittelhauser e Nogués que, segundo chegara a afirmar-se, teriam sido de início partidários da resistência, puseram incondicionalmente as tropas que comandavam às ordens do governo de Vichy. As colónias francesas da área do Mediterrâneo, as que maior importância ofereciam na ocasião, acabaram assim por se colocar numa posição desfavorável para os ingleses.

O MOVIMENTO DA FRANÇA LIVRE

Só algumas possessões mais afastadas haviam, semanas depois, de dar a sua adesão à causa da França livre, representada em Londres pelo general De Gaulle e por um grupo de emigrados que aceitaram a sua autoridade e seguiram a sua atitude. O general De Gaulle era conhecido nos meios militares franceses pela sua competência técnica e pela sua audácia. Tinha-se especializado no estudo dos carros e previa, desde há muito, a importância das divisões blindadas para as operações da guerra moderna. Fora ele o inspirador de um projecto elaborado em 1934, sobre o assunto pelo depois chefe do governo francês, Paul Reynaud, que era então um simples deputado com assento nas bancadas da direita da Câmara francesa.

Quando, nos horas difíceis da luta, Reynaud foi chamado ao poder, nomeou De Gaulle subsecretário de Estado para a guerra. Este oficial havia dado, no decurso da campanha da França, as suas provas, comandando um grupo de carros que conseguira opor-se eficazmente ao avanço dos carros alemães na região de Amiens. A passagem do general De Gaulle pelo poder fora efémera e realizara em condições particularmente difíceis.

Durante as conversações e negociações que precederam a assinatura do armistício, revelara-se um partidário intransigente da resistência do seu país. Um dos últimos actos que Paul Reynaud praticou como chefe do governo foi enviá-lo a Londres numa missão particularmente delicada. Era como que um agente de ligação pessoal entre o chefe do governo francês e os ministros britânicos que julgavam poder ver triunfar ainda em França o partido da resistência contra a efervescência crescente

dos partidários do armistício.

Encontrando-se na capital da Grã-Bretanha quando cessaram as hostilidades, o general De Gaulle publicou, imediatamente, um manifesto em que dizia:

«A França perdeu uma batalha, mas não perdeu a guerra. Governantes de ocasião capitularam, cedendo ao pânico, esquecendo a honra, entregando: o país à servidão. Entretanto, nada deve considerar-se perdido. Esta guerra é uma guerra mundial. No mundo livre há forças imensas que ainda se não pronunciaram. Um dia, essas forças esmagarão o inimigo. É preciso que, nesse dia, a França esteja presente à vitória. Então encontrará, de novo, a sua liberdade e a sua grandeza. É esse o meu fim, o meu único fim. Eis porque convido todos os franceses, onde quer que se encontrem, a juntar-se a mim na acção, no sacrifício e na esperança. A nossa pátria está em perigo de morte. Lutemos para a salvar. Viva a França!»

Nenhuns dos chefes militares, que se encontravam na metrópole ou nas colónias francesas, respondeu ao apelo de De Gaulle. O mesmo sucedeu aos chefes políticos cujas ideias não eram, de maneira nenhuma, idênticas às do governo de Vichy. Este considerou o general De Gaulle um rebelde e sujeitou-o a um julgamento que terminou pela condenação à pena capital. Entretanto, o seu movimento foi reconhecido pelo governo de Londres como o único que representava o sentimento e o pensamento da nação francesa, enquanto durassem as hostilidades.

De Gaulle dedicou-se, a partir desse momento, à tarefa de organizar uma força militar que representasse a França livre no quadro das forças aliadas da Grã-Bretanha; organizou também uma pequena força naval que, sob o comando do almirante Muselier, passou a cooperar com a esquadra britânica; e com a colaboração de alguns oficiais franceses especializados na guerra colonial, como os generais Catroux e Laminant, procurou organizar uma força que, nos vários pontos do Império francês, se dispusesse a colaborar com a Grã-Bretanha.

A BATALHA DA INGLATERRA

A batalha da Inglaterra, que se seguiu à batalha da França, foi dada simultaneamente, ao longo de vários meses, no ar e no mar. Até que, com a chegada da primavera de 1941, o Comando alemão pôde renovar as operações terrestres, a luta entre ingleses e alemães prosseguiu tenazmente, no céu e no Atlântico. No ar, essa batalha caracterizou-se por dois episódios fundamentais: uma ofensiva alemã, de grande envergadura, e uma contra-ofensiva britânica realizada com os meios de acção de que a R. A. F. dispunha naquela altura.

Nesse duelo aéreo as vantagens encontravam-se nitidamente do lado alemão. Essas vantagens resumiam-se no seguinte: superioridade numérica em aparelhos e pessoal adestrado; posse de toda a costa europeia desde o Cabo Norte ao Cabo Finisterra e, especialmente, da parte continental dessa costa que é banhada pela Mancha. Praticamente verificava-se que enquanto os centros industriais dos Midlands e da Gales de Sul ficavam a trezentos quilómetros das bases aéreas instaladas pelos alemães no continente, a zona industrial da Renânia encontrava-se a cerca de quinhentos quilómetros das bases da aviação britânica. Berlim estava a mais de mil quilómetros dessas bases. Londres podia ser, com facilidade, alcançada e bombardeada pela Luftwaffe. Para um bombardeiro alemão atravessar o Canal e chegar à capital da Grã-Bretanha era uma questão de minutos; um bombardeiro inglês levava horas a alcançar a capital do Reich. Os bombardeiros alemães, operando especialmente de noite, fizeram os seus «raids» mais perigosos e eficazes contra os pontos e as regiões industriais situadas no sueste da ilha britânica. Entre outros centros de produção e de população gravemente atingidos pelos bombardeamentos aéreos podem citar-se os seguintes: Southampton, Portsmouth, Plymouth, os Midlands, a Gales do Sul, os distritos de Birmingham e de Coventry, Liverpool, Merseyside, Clydeside, Belfast. Algumas destas cidades ficaram, praticamente, destruídas. Mas a produção não foi afectada de maneira vital, devido às medidas de precaução tomadas. A construção de fábricas e oficinas subterrâneas e a aplicação em larga escala de métodos defensivos rigorosos permitiram que a fabricação de material de guerra prosseguisse mesmo nas fases mais intensas dos bombardeamentos aéreos.

A tentativa alemã para desorganizar a má-

quina industrial britânica malograra-se. A aviação de caça, a artilharia anti-aérea e as barragens de balões deram às suas provas de maneira eficiente. Mas a Luftwaffe não procurava apenas diminuir o ritmo da produção britânica. A sua actividade visava, simultaneamente, a atingir o moral da população, paralisando a sua vontade de continuar a luta. Também sob este ponto de vista os resultados atingidos não compensaram inteiramente os esforços dispendidos pela Luftwaffe e as perdas que esta registou.

Entretanto, na medida do possível, a aviação britânica procurava dar uma réplica adequada à actividade incessante dos seus adversários. A medida que o tempo decorria, esse objectivo pôde ser realizado, embora numa escala menor do que aquela que os alemães haviam conseguido. A aviação de bombardeamento britânica pôde projectada com vista aos ataques maciços do território do inimigo, enquanto a sua congénere alemã se desenvolvia sobre a base duma colaboração eficaz com as tropas de terra. Essa diferença de origem havia de ter os seus reflexos na condução das operações aéreas.

A CONQUISTA DO ESPAÇO AÉREO

O ponto fundamental que ainda hoje não é possível esclarecer completamente consiste no seguinte: desde que a invasão da Grã-Bretanha se tornou uma necessidade de satisfação inadiável pôde o Reich realizar os preparativos necessários para efectuar um desembarque de grande estilo na costa britânica? Se realizou esses preparativos, como se compreende que não tenha tentado sequer o desembarque? Ou, pelo contrário, estavam o Führer e os seus principais colaboradores convencidos de que o empenho em larga escala da arma submarina e a realização incessante de bombardeamentos maciços quebrariam o moral da população, tirando-lhe a confiança e mesmo a esperança de uma vitória e levando assim a nação a substituir o governo presidido por Churchill e a organizar um gabinete disposto a aceitar uma solução de compromisso?

A verdade é que, passada a evidência da primeira hora, ao colapso francês se seguiu um período intenso de actividade em que os aviões e os submarinos do Reich se dedicaram à tarefa difícil de desarticular o sistema de reabastecimento insular e de atingir os centros vitais da sua produção, ao mesmo tempo que se procurava desmoralizar a opinião pública inglesa.

Para efectuar, com êxito, um desembarque de tropas na ilha britânica era indispensável realizar as seguintes operações preliminares: a) impedir o funcionamento regular do sistema de comboios que asseguravam o abastecimento normal da população e traziam as matérias primas indispensáveis ao funcionamento da sua indústria de guerra; b) fundar ou danificar seriamente a parcela da esquadra britânica que estava encarregada de realizar a defesa da ilha; c) conquistar o espaço aéreo sobre a Mancha e sobre o território britânico, limpando o céu dos aviões da R. A. F.

Na terceira semana de Junho, os aviões do Reich iniciaram uma série de vãos de reconhecimento sobre a costa e sobre o território da ilha. A derrota do exército francês, à qual se seguiu a assinatura do armistício, não deixava dúvidas sobre o sentido exacto desses vãos. Tratava-se de inspecionar demorada e cuidadosamente todo o conjunto da defesa insular nos seus vários aspectos. Uma vez feito esse exame e tiradas as conclusões que dele necessariamente haviam de resultar, tratava-se de preparar o caminho para a guerra relâmpago aérea, cujo objectivo final consistia em desmoralizar a população britânica e mesmo em desembarcar na sua ilha.

AS FASES DA GUERRA AÉREA

A guerra relâmpago aérea conduzida contra a Grã-Bretanha costuma considerar-se dividida em quatro períodos distintos que se prolongaram entre 8 de Agosto e 31 de Outubro de 1940. O primeiro período foi de 8 a 18 de Agosto; o segundo de 19 de Agosto a 5 de Setembro; o terceiro de 6 de Setembro a 5 de Outubro; o quarto de 6 a 31 de Outubro. Vejamos as características de cada um deles:

1.º — De 8 a 18 de Agosto, ondas sucessivas de bombardeiros alemães, operando à luz do dia, escoltados por aviões de combate, reali-

(Continua na pag. 17)



LISBOA foi o local escolhido para a troca de diplomatas dos países americanos nas nações do «Eixo» com os representantes da Alemanha e da Itália nos estados da América. Esta página mostra-nos, em expressivas fotos do repórter F. Marques da Costa, alguns aspectos do movimento do cais e da estação do caminho de ferro, durante a passagem, desembarque e embarque dos funcionários diplomáticos e consulares, e de suas famílias.



O barco sueco «Drotningholm» que, com o «Cabo de Buena Esperanza», trouxe para a Europa os diplomatas do «Eixo» nas Américas.



Um aspecto do desembarque



Três antigos funcionários diplomáticos alemães em Nova York a bordo do «Drotningholm».



O sr. ministro da Alemanha em Lisboa com os funcionários das Legações do seu país e da Itália que aguardavam o desembarque dos diplomatas.

PANORAMA INTERNACIONAL

(Continuação da página onze)

Bengala para protegerem as suas forças de desembarque. E aqui volta novamente a ser indispensável a aviação. Todos compreenderam que os japoneses se convenceram, através dos seus êxitos, que não será recomendável enviar navios de guerra para os pontos onde possam ser atacados por formações aéreas importantes com as bases na costa».

Resolvido este problema, enquanto o exército barra a leste o invasor nas fronteiras, a situação modificar-se-á. Há ainda o caso da Austrália, mas embora Curtin, Forde e Mac-Arthur advertidamente previnam o povo do risco de uma invasão cujo primeiro tramo seria a ocupação de Port Moresby, na Nova Guiné, como palamar de assalto, o japonês sabe que, como Harold Guard dizia há semanas, a invasão é uma camisa de onze varas:

«Ao norte e a oeste ficam regiões imensas sem vegetação e praticamente desertas, ao passo que os pontos vulneráveis da costa estão, constantemente vigiados pelas forças navais aliadas e aviação. Mesmo desembarcando em Port Darwin, os japoneses teriam que cobrir uma distância de 3.000 quilómetros, 1.600 dos quais» de

deserto, antes de chegarem aos limites das regiões orientais e meridionais da Austrália, onde ficam os centros mais populosos e industriais. Nenhum porto, utilizável pelos navios de guerra, fica entre Adelaide e Albany. Estas duas cidades ficam separadas por uma distância de cerca de 2.100 quilómetros. A costa norte é eficazmente protegida por mais de 1.600 quilómetros de recifes e campos de minas, e a costa sul, com a sua rede de comunicações, pode ser facilmente defendida, pelas forças concentradas no porto de Sidney e em outras bases vizinhas».

Em conexão com este aspecto asiático da guerra, vimos como os Aliados acudiram a tempo (e diz-se que por questão de semanas) à ocupação de Madagascar. Já a 24 do mês passado se comunicava de Pretória que «a ocupação de Madagascar pelos Aliados é encarada como seguindo provavelmente o corte de relações diplomáticas entre a África do Sul e Vichy», e o general Smuts, em discurso no dia 11 de Março, dissera que a África do Sul velaria para que Madagascar não fosse empregada como base inimiga. De Sidney reclamava-se uma acção urgente. Sabia-se o que se passava em Vichy.

Após curtos combates, a capitulação e a resistência cessaram. A 14, Londres anunciava pelo Foreign Office este lance político surpreendente mas que é a conclusão duma mudança total de coisas diante da resistência do povo francês, comprovada por milhares de fuzilamentos: «Como previamente se comunicou, as intenções do Governo britânico, ao empreender as recentes operações de Madagascar, impediram que esse território fosse empregado pelo «eixo» salvaguardando nele a soberania francesa. É intenção do Governo Britânico que a Comissão Nacional Francesa Livre tome a parte que lhe é devida na administração do território francês libertado, pois que essa comissão coopera com as nações unidas como representante da França em guerra».

Em seqüência disto, no dia 10, delegados norte-americanos iam propôr ao almirante Robert na Martinica um acordo, segundo o qual o pavilhão francês continuaria a tremular sobre as possessões francesas do Mar das Caraíbas — Martinica, Guadalupe e Guiana Francesa — e que «a soberania francesa manter-se-á ali intacta sendo o Almirante Robert reconhecido como a suprema autoridade do Governo nessas possessões francesas», com as seguintes condições: 1.º, guarnições militares e fiscalização em todos os pontos estratégicos das Antilhas francesas; 2.º, desarmamento dos navios franceses ancorados em Martinica desde o armistício franco-alemão e a entrega dos navios tanques franceses que ali se encontram.

Mas Cordell Hull recusava-se a tratar directamente com Laval. A posição do Governo de Vichy torna-se difícil. Se demettre ou se soumettre. No dia



O CHEFE DO ESTADO com os srs. ministros da Educação Nacional e da Economia e outras entidades durante a visita inaugural à exposição retrospectiva de Mestre Carlos Reis na Sociedade Nacional de Belas Artes.

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 15)

zaram «raids» extensos sobre: a) os portos compreendidos entre North Foreland e Portland; b) os comboios marítimos que demandavam os portos britânicos; c) os aeródromos ingleses; d) alguns centros industriais.

2.º — De 19 de Agosto até 5 de Setembro, continuaram os bombardeamentos intensivos de portos, mas estes objectivos passaram para um plano secundário, enquanto os principais ataques incidiam sobre os aeródromos e as instalações industriais. A estatística de perdas deu, no final desta fase da batalha aérea, cerca de quinhentos aparelhos alemães abatidos, enquanto os ingleses perderam aproximadamente duas centenas e meia.

3.º — Na terceira fase (6 de Setembro a 5 de Outubro) os ataques concentraram-se especialmente sobre a cidade de Londres. Foi caracterizada por uma série de «raids» diurnos realizados por bombardeiros pesados com escolta de aviões de combate. Ao mesmo tempo, a «Luftwaffe» desencadeou uma série de ataques nocturnos realizados por aviões de bombardeamento sem escolta, que operavam a grandes alturas. Os principais estragos verificaram-se nas docas, edifícios públicos e residências particulares.

4.º — De 6 de Outubro a 31 do mesmo mês, a capital da Grã-Bretanha continuou a ser o principal objectivo dos atacantes. Mas a tática de ataque mudou. Em vez das ondas sucessivas de aviões de bombardeamento, apareceram no céu de Londres numerosos aviões de combate que operavam de noite a grande altura. Os bombardeamentos passaram a ser indiscriminados não visando, como nas fases anteriores, objectivos determinados.

Nos últimos dias de Outubro o impeto do ataque começou a esmorecer. Os estragos por toda a ilha britânica eram enormes; valiosos as perdas de vidas. Só em Londres morreram, vítimas de bombardeamentos diurnos, 1.700 pessoas e 12.500 vítimas de bombardeamentos nocturnos. Mas a população mostrava-se cada vez mais firmemente disposta a resistir, e a hipótese da invasão parecia definitivamente afastada. (Continua).

4, a United Press dava esta informação datada de Vichy: «Sabe-se que o principal obstáculo para se chegar a completo entendimento nas negociações franco-alemãs reside no facto de Mussolini insistir em ver satisfeitas as reivindicações italianas acerca da Tunísia e de Nice».

Os círculos bem informados — acentuava-se — afirmam que, na recente entrevista havida em Salzburgo, entre o «Führer» e o «Duce», Hitler pediu o envio de mais tropas italianas para a Rússia. Mussolini aproveitou a oportunidade e insistiu na necessidade absoluta de ser dada ao povo italiano alguma recompensa material, em troca do envio de mais tropas de Roma para a «frente» oriental, e que essa compensação só poderia ser a entrega da Tunísia e de Nice à Itália.

Que assim seja ou não seja, Laval tinha um trunfo na mão para as compensações à Alemanha, da garantia desta contra as pretensões italianas: poder facultar à acção alemã as bases do império na Ásia e nos mares da América. Esse trunfo spl-

ta lhe das mãos pela dupla pressão norte-americana e inglesa, agora a favor de De Gaulle. Acuado, que opção tomará Laval?... O futuro da nação francesa, uma parte muito grave da guerra (pois trata-se ainda, no fim de contas, de uma contra-offensiva dos Aliados à retaguarda ocidental da Alemanha), está encerrado nessa interrogação.

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. **Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.**

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

CALOS ?



Não sofra nem mais um minuto! Aplique os Zino Pads do Dr. Scholl e a dor desaparecerá, porque desapareceu a causa — pressão e fricção do calçado.

Os discos vermelhos, contidos em cada embalagem, soltam depressa o calo, que facilmente se pode arrancar.

Em tamanhos para calos, calosidades, joanetas e calos moles. A venda na Farmácia Estácio, Rússia, e nas outras boas farmácias e drogarías.

Lino-pads do Dr. Scholl



AS OPERAÇÕES NO NORTE DE ÁFRICA estão, no dizer dos comunicados oficiais, paralizadas devido ao mau estado do tempo. À alta temperatura, junta-se agora um novo flagelo para os combatentes: as tempestades de areia. No deserto, revolvido pela passagem contínua dos «tanks», levantam-se nuvens de areia fina que a vento quente arrasta. As duas fotos que reproduzimos nesta página dão-nos uma ideia dessas tempestades. Os soldados das forças italianas que nelas se mostram, tomam medidas de precaução contra o flagelo.

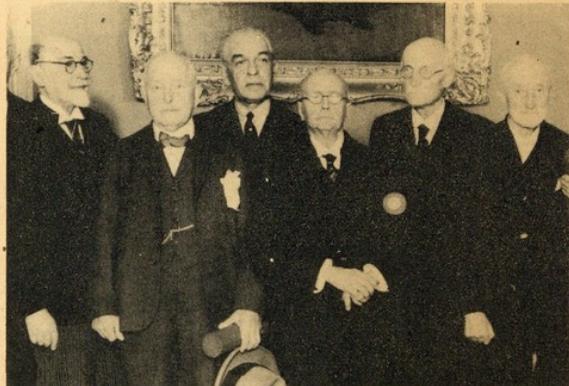


**Os chefes políticos e militares do Reich
no actual momento histórico do Mundo**

O Chanceler do Reich, chefe dos exércitos alemães, com alguns dos seus colaboradores mais directos: Goering, marechal do Ar e ministro da Aeronáutica; Von Keitel, chefe do Estado Maior, e Himmler, chefe dos serviços policiais e ministro do Reich.



O DR. ARTUR RIBEIRO LOPES pronunciando na Sociedade de Geografia uma conferência alusiva à Semana das Colónias.



NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL do Pôrto, foram homenageados os socios que completaram 50 anos de associados, e que se vêem na foto em cima.



O SÁBIO FRANCÉS, prof. Caquot, escrevendo o seu nome no livro de honra da agência do Pôrto da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.



1942

O

VINHO do PORTO
dos velhos tempos—corre
o País autenticado pelo
SÊLO de GARANTIA



CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL



APYROL

A venda na Farmácia
Estácio—Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drograrias



O ILUSTRE PROFESSOR COSTA SACADURA que, ao cabo duma notável carreira, foi atingido pelo limite de idade, dando a sua última lição aos alunos do 5.º ano de Medicina, na Maternidade Magalhães Coutinho.



O CORONEL FERREIRA DE SIMAS — outro distinto professor atingido pelo limite de idade — saindo do Instituto Comercial de Lisboa, depois de ter dado a sua última lição.



O PROF. ILHARCO, durante a sua conferência recentemente feita no Instituto de Cultura Italiana.

Para fotos
nítidas e perfeitas...
Película
Kodak

Seja qual for o estado do tempo ou as condições de luz, a película Kodak dá-lhes as «fotos» claras bem detalhadas e naturais. Carregue o seu aparelho com película Kodak se quer ter a garantia máxima de boas fotografias



A venda só nas boas casas de artigos fotográficos
KODAK LIMITED—33, RUA GARRETT—LISBOA



Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.45	Noticiário	{ G R U 31.75 m. (9.45 mc/s) G R V 24.92 m. (12.04 mc/s)	
14.15	Noticiário	{ G R Z 13.86 m. (21.64 mc/s) G R U 31.75 m. (9.45 mc/s)	
14.30	Actualidades	{ G R V 24.92 m. (12.04 mc/s)	
23.00 (*)	Noticiário	{ G R X 30.96 m. (9.69 mc/s) G S B 31.55 m. (9.51 mc/s)	
23.15 (*)	Actualidades	{ G R T 41.96 m. (7.15 mc/s)	

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 281,1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.

A venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

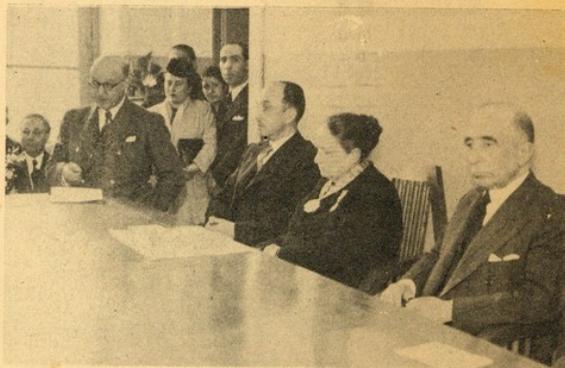
LEIA TODOS OS SABADOS

VIDA MUNDIAL

Os melhores artigos
dos melhores jornais



O PRESIDENTE E OS VEREADORES da Câmara Municipal de Lisboa na visita oficial aos melhoramentos efectuados no Jardim Zoológico.



UM ASPECTO DA CERIMÓNIA da entrega do diploma de enfermeira «honoris-causa» à mais antiga enfermeira do Instituto Câmara Pestana.



UM ASPECTO DO BAILE recentemente efectuado no Aviz Hotel, a favor da assistência da «Legião Portuguesa».



O PROF. PAULO QUINTELA pronunciando na sala do Automóvel Clube uma das conferências da extensão cultural promovidas pela F. de Letras.

DISCOS

NOVA REMESSA

His Master's Voice



ACABADA DE RECEBER TODOS OS GRANDES SUCESSOS internacionais

As melhores orquestras inglesas e americanas

Sempre as últimas novidades



VISITE HOJE MESMO OS

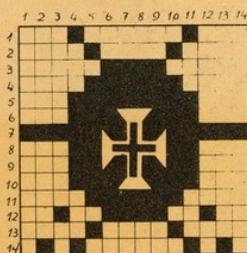
Est. Valentim de Carvalho

R. NOVA DO ALMADA, 97



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 25



Camada esporifera dos basidiomicetos. 2—Porquinho da Índia; Uivar. 3—Pequena aba (pl.); Embarcação ligeira com dois mastros e vela latina; Pref. (designativo de privação). 4—Fileira; Únicos. 6—Nota musical (inv.); Nota musical (inv.). 7—Aqui; Batráquio. 8—Estudei; Esquadrão. 9—Estás; Zombei. 11—Nota musical (pl.); Gemidos. 12—Grande aranha, vulgar ao sul da Europa e cuja mordedura produz inchaço; Curso de água (pl.); Marchar. 13—De Eólia; Relativo aos acheus. 14—Grande quantidade (pl.); Que tem a aparência de pedra.

Solução do problema n.º 24

HORIZONTAIS—1—Urucubaca. 2—Uro; Ero; Ocê. 3—Au; Uruú; Os. 4—Aba. 5—Itua; Capa. 6—Quiri; Zacum. 7—Ussa; Liso. 8—Gau. 9—Nó; Madre; Be. 10—Aca; Nós; Púa. 11—Algozaria.

VERTICAIS—1—Uariquena. 2—Uru; Tus; Oca. 3—Ro; Gutsa; Al. 4—Ara. 5—Cêra; Gano. 6—Uruú; Cadoz. 7—Bota; Ursa. 8—Cal. 9—Co; Bacia; Pi. 10—Aco; Pús; Bua. 11—Escamonea.

HORIZONTAIS—1—Genófio; Nada; Meia. 2—Chefe de tribo africana; Apareces; Quadrúpede ruminante (inv. pl.). 3—Linha transversal com que se marcavam os lugares errados de uma obra; Monograma. 4—Pesquisa; Espaço de 24 horas (inv. pl.). 5—Interj. que designa espanto; Três letras de Alca. 6—Ermos; Contração de preposição e artigo (pl.). 8—Interj. que designa dor; Casa (inv.). 9—Além (inv.); Três letras de Ica. 10—Interj. (com que se imita a explosão de um tiro (inv.)); Tanto (inv.). 11—Pronome pessoal (pl.); Anagrama de Soia. 12—Não; Nota musical (inv.); Nota musical; Cento e um em numeração romana. 13—Cólera (pl.); Sulca; Numeral cardinal (inv.). 14—Habituaça.

VERTICAIS—1— Família de peixes, que têm por tipo o lúcio;

Dicionários adoptados: Cândido de Figueiredo, 4.ª Edição; Língua Portuguesa e Sinónimos—Fonseca e Rspete; Do Povo; Sinónimos e Mitologia—de Bandeira; e Mitologia de Chompré.

Escuta ROMA!

RADIO CENTRO EIAR IMPERIAL

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	ESTACÕES			
9,50	Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
		{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
13,15	Comunicado de guerra	{ 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
		{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
17,30	Noticiário	{ 2 RO 17	m. 15,31	Kc/s 19,590
		{ 2 RO 7	m. 16,88	Kc/s 17,770
		{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
22,10 e 0,10	Noticiário	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950
		{ 2 RO 4	m. 25,40	Kc/s 11,810
		{ 2 RO 3	m. 31,15	Kc/s 9,630
		{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
1.	Noticiário	{ 2 RO 6	m. 19,61	Kc/s 15,300
		{ 2 RO 19	m. 29,04	Kc/s 10,330
		{ 2 RO 18	m. 30,74	Kc/s 9,760
			m. 221,10	ondas médias

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA
(às quartas e domingos)

22,10 (às quartas)	m. 25,70	Kc/s 11,695
22,20 (nos domingos)	m. 30,25	Kc/s 9,830

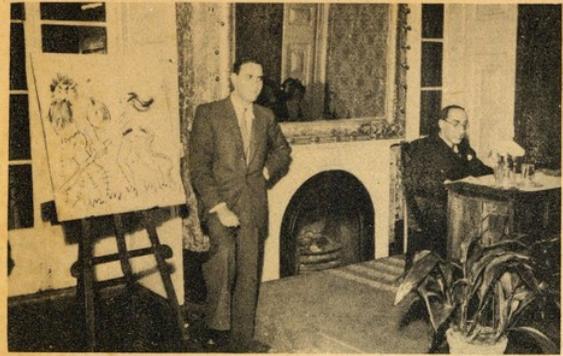
LIÇÕES DA UNIVERSIDADE RADIOFÓNICA ITALIANA
(às terças, quintas e sábados)

16,35	{ 2 RO 11	m. 41,55	Kc/s 7,220
	{ 2 RO 22	m. 25,10	Kc/s 11,950



— Não imaginas... Quando êle me disse aquilo, fiquei parva...
— Ficaste, não! Continuaste...

(Desenho de Stuart)



NO CLUBE DOS 100 À HORA, efectuou o sr. dr. Luiz de Oliveira Guimarães uma conferência humorística sob o título «As mulheres e os automóveis», que despertou o maior interesse. A conferência foi ilustrada pelo distinto caricaturista «Zeco». Damos, em cima, dois aspectos da sessão: o conferente e o caricaturista; e um aspecto da selecta assistência.



NA ESCOLA DE BELAS ARTES DO PÓRTO — O prof. Thomas Bodkin, professor de Belas Artes na Universidade de Birmingham, fazendo uma conferência sobre Reynolds e Gainsborough.



O PROF. THOMAS BODKIN falando, no Museu das Janelas Verdes, sobre vários temas da arte inglesa.

A COLABORAÇÃO DO CANADÁ no esforço de guerra da Grã-Bretanha tem sido das mais entusiásticas. A foto mostra-nos dois soldados experimentando uma nova metralhadora anti-aérea que vai ser enviada para Inglaterra.

